

Capítulo 1

Esta é uma obra de ficção.
Qualquer semelhança com
fatos, pessoas ou instituições reais,
terá sido mera coincidência.

Órgãos reservados da presente edição.
Reprodução total ou parcial é expressamente
proibida sem a prévia autorização por escrito.

Printed in Brazil
Impresso no Brasil

**COPYRIGHT BY
EDITORA FITTIPALDI LTDA
©1995**

O Último Manuscrito

Seu nome era Shylo Harding e havia chegado no dia anterior dos Estados Unidos, mais precisamente de Nova Iorque, no voo transoceânico entre o Aeroporto Kennedy e Heathrow. Estava agora em Londres há apenas vinte horas.

E nessas poucas horas, tinha visitado aquilo que mais o atraía na capital inglesa: o Museu de Cera de Madame Tussaud, a Torre de Londres... e a casa de nº 221 da Baker Street.

Era justamente nessa casa que se encontrava agora. Baker Street, 221. Um lugar envolto em lenda, ou simplesmente o que o guia turístico anunciava: um museu dedicado a alguém que jamais existira.

Alguém cujo estúdio, o living, dormitório e sala de visitas tinham sido preparados com riqueza de detalhes e veracidade, até resultarem numa reconstituição ideal do que devia ser, em outros tempos, a moradia de um homem como aquele a quem a





casa era dedicada. Reconstituição baseada, naturalmente, em uma série de relatos literários, porque todo mundo, em Londres e em qualquer outro lugar do mundo, sabia perfeitamente que o suposto ocupante daquela casa, nunca poderia estar dentro da mesma, já que era um ser de ficção, o fruto da imaginação de um escritor inglês, profissionalmente um médico, chamado Sir Arthur Conan Doyle.

Shylo Harding, de nacionalidade norte-americana, estava visitando a que, teoricamente, poderia ter sido a casa de Sherlock Holmes, o mais famoso detetive de todos os tempos. A casa de número 221 da Baker Street era de estilo tipicamente vitoriano, situada numa rua londrina também marcadamente vitoriana. Ela tinha uma atmosfera exterior impressionante. Como o seu interior.

Shylo sabia que aquela poltrona, por exemplo, jamais acolhera um autêntico Sherlock Holmes. Sabia também que o famoso violino, passatempo em horas de melancolia do grande detetive, nunca fora tocado pelo genial investigador. Nem o bule que servia para o chá das cinco do muito metódico cavalheiro da rua Baker, e seu não menos metódico amigo, o dr. John H. Watson.

Tudo aquilo era um artifício imaginativo, pura e simplesmente. Um museu criado para cultivar um mito. Um tributo inglês ao herói favorito de todo um século. Era quase palpável ali a presença de Sir Henry Baskerville, de Moriarty, do Inspetor Lestrade... Como se a qualquer instante, a campainha da porta da frente fosse soar e, após ser anunciado por Uma seiihotita

fantasmal, dar entrada no gabinete de Holmes qualquer um dos personagens de suas aventuras imortais, materializando-se a partir do nada.

Shylo Harding sorriu, sacudindo a cabeça com ceticismo. Era curioso. Aquilo tudo estava tão bem montado, que provocava estranhas ilusões. Como se alguém submergisse no tempo, desse um salto até setenta ou oitenta anos passados... e se encontrasse de repente na Londres vitoriana, dos lampiões de gás, das carruagens puxadas por vistosos cavalos, da densa neblina e dos oscilantes faróis contornando os vultos fugidios que caminhavam pelas ruas de calçamento de pedra úmido...

Pura ilusão, pensou Shylo, com um suspiro, parando diante de uma das peças do museu: o diploma da Academia de Medicina, conferido a John H. Watson, na terceira metade do Século XIX.

Personagens de algumas das histórias de Sherlock Holmes: Baskerville, um herdeiro obcecado pela visão de um cão infernal; Moriarty, a sinistra figura de criminoso; Lestrade, um policial sempre derrotado pelo método dedutivo do grande detetive... (N. do A.) Uma reprodução admirável. Parecia autêntica. Shylo teria jurado isto, no fosse estar muito convicto de que o dr. Watson, o inefável autor das Memórias, onde figuram as proezas de seu admirado amigo Holmes, era tão imaginário como o detetive.

Espetou o olhar, ao mesmo tempo irônico e admirado, em uma velha lupa, colocada sobre uma mesa, junto a um álbum com recortes de jornais, antigos e amarelados, e outro de selos. Duas grandes

predileções de Holmes em seu mundo literário. Vagamente, o olhar de Shylo Harding, por pura casualidade, se fixou nos fragmentos escolhidos para simular os recortes selecionados pelo investigador particular e seu amigo Watson. Casos importantes em que tinham tomado parte, ao que tudo parecia. No museu tudo fora preparado nos mínimos detalhes.

Folheou as velhas crônicas dos jornais, com um amarelecimento que parecia provir de várias gerações:

"Jack, o Estripador continua a aterrorizar Whitechapel."

"Scotland Yard mobilizada na caça a uma bela envenenadora."

"Terence Carter, acusado de vários assassinatos brutais, será enforcado hoje."

"Planos militares roubados do Ministério da Guerra Britânico."

"Quem terá assassinado o diplomata inglês em Northumberland?"

Casos antigos. Verídicos, isso era certo. Trechos recortados de velhos jornais esquecidos no tempo. E dispostos ali, num álbum, para melhor simular o ambiente do gabinete de Holmes. E Shylo Harding lamentou que tudo aquilo não fosse verídico. Que Holmes não tivesse saído à caça de Jack, o Estripador, que a bela envenenadora não tivesse sido cavalheirescamente detida por Holmes, que o condenado à força não houvesse sido inocentado à última hora, graças a uma genial conclusão do grande detetive... Ou que os planos roubados do Ministério da Guerra, ou o crime

que vitimara o diplomata inglês em condados distantes não tivessem sido realmente solucionados brilhantemente pelo gênio dedutivo da rua Baker.

Sim. No fundo, Shylo Harding lamentava muitas coisas. E uma, em especial: que Sherlock Holmes não tivesse tido existência real, que fosse somente um ser prodigioso de ficção, produto da imaginação rica de um escritor. Aqueles casos tinham existido, mas... quem os solucionara? Ninguém sabia. Ou não se recordava.

Ainda assim, ali estava ele agora. Já concluindo sua visita ao museu da rua Baker. Prestando uma homenagem ao admirável herói de suas leituras de adolescente, quando ainda não era, ele também, um autor de novelas de mistério, lá do outro lado do Atlântico:

Claro que havia uma diferença bem clara. Ele não era Conan Doyle. Jamais poderia criar um personagem como Sherlock Holmes. Conformava-se em ter suas novelas vendidas a pouco mais de meio dólar. Afinal de contas, era um autor de publicações populares. E não pretendia ir mais além do que isso. Nunca tivera desejo de dar grandes vôos, Conformava-se em ser quem era, e só viajava para conhecer o mundo, para aprender sempre algo mais, por pouco que fosse. Agora, alimentava a idéia de escrever uma novela ambientada em Londres. Mas, o que poderia escrever que tivesse uma certa originalidade? Possivelmente nada. Às vezes o cenário onde se desenvolvia a ação das novelas era o mesmo. Os personagens costumavam ser como fantoches nas mãos de seu criador, e o fato de trasladá-las para determinado lugar

não imoita muilo, poi; Hoi-ici ijin podoliam
ocorrei lhes ali, tambem pixicnani ai diuim <i do igual
modo em outro ponto qualqun

Assim era sua forma de trabalhar em suas histórias. Supunha que nem sequer a visita à Câmara dos Horrores de Madame Tussaud, à sinistra Torre de Londres, envolta em relatos macabros, e agora ao falso estúdio de Holmes, montado por um bom cenógrafo, tendo como modelo o clima criado por Conan Doyle, iriam mudar grande coisa, nem seu estilo e nem seus hábitos.

Sim, continuaria sendo um escritor medíocre, como já disseram antes de fazer aquela viagem. Mas tampouco ansiava por milagres. Somente pretendia ser fiel a si mesmo e a seus leitores. Nunca obteria um Prêmio Pulitzer ou Nobel, certamente. Mas, pelo menos não estaria traindo aqueles que compravam um exemplar de suas novelas de aventuras e intrigas. Ele lhes dava simplesmente o que dele esperavam seus leitores. Procurar ambientar-se, fazer algo melhor, dentro de sua linha habitual, não era outra coisa senão o resultado desse ar de honestidade profissional de um escritor que, conquanto limitado a edições populares, pretendia sempre o melhor.

Encaminhou-se finalmente para a saída daquela casa convertida em museu. Sentia-se como um visitante que tivesse acabado de conversar com o grande detetive inglês, consultando-o sobre os detalhes de um caso muito difícil e intrincado. Sem saber porque, voltou-se para o guia turístico, que vinha à frente dos outros visitantes.

— Se Sherlock Holmes tivesse existido realmente., como se supõe que teria morrido?

O guia olhou, perplexo, realmente confuso com tão insólita pergunta. Mas acabou por dar de ombros, dizendo vagamente:

— Bem... não sei dizer. Se ele não existiu..., como ia morrer, senhor?

— Seu mundo foi reconstituído. E quase, quase, a sua vida, em grande parte. Por que não sua morte? — insistiu o jovem escritor. — E a todos ps problemas propostos por toda essa documentação verídica que vi aqui, e colocada para dar ambiente ao museu, não foi dada a solução adequada?

Os outros visitantes que ali estavam trocaram olhas irônicos. Até o guia sorria agora zombeteiramente. Pareciam dar-se conta de quão curioso eram os turistas. E além do mais, um turista americano. "Que há de surpreendente partindo de um americano?" se disse o guia inglês. Eles costumavam fazer as perguntas mais exóticas e fora de lógica.

— Entenda, senhor, eu trabalho aqui como guia, simplesmente — explicou o homem, tratando de esquivar-se à pergunta o melhor possível. — Me instruíram a que explicasse os detalhes desta decoração, mas nada mais. Já li, como suponho que o senhor o tenha feito também, algumas novelas de Sherlock Holmes. Isso é tudo. Uma vez seu criador o matou. Moriarty foi o assassino, lembra-se? E o público obrigou o autor a ressuscitá-lo, indignado com aquela decisão. Com respeito à morte autêntica de per-

sonagem... acho que o autor se foi antes deste mundo sem poder descrevê-la. Quanto à documentação de que o senhor falou, nada sei sobre ela. Por aqui, senhores, por favor. Boa tarde. E obrigado. Muito obrigado pela vossa visita...

Era o final da visita. Gentilmente, o guia levou Harding até a calçada da rua Baker. Os outros turistas se dispuseram rapidamente, trocando observações irônicas sobre a pergunta que fora feita por Shylo Harding. Este esboçou um gesto resignado, e se pôs a caminhar rua abaixo, até o ponto do ônibus. Alguém lhe tinha dito que se desejasse conhecer uma cidade jamais tomasse um táxi, e sim um ônibus ou bonde.

— Por favor, senhor...

Shylo parou de estalo. Seria com ele? Sim, era a ele que chamavam. Voltou-se e se viu diante de uma mulher. Uma moça desconhecida, parada no umbral do Museu de Sherlock Holmes. Inglesa, sem dúvida. Cabelo ruivo, ondulado. Olhos azuis, quase cinza. Esbelta, bem proporcionada. Quadris bem firmes, pernas cheinhas. E um par de seios estupendo, sob um suéter esporte, com estamparia na moda.

— Deseja alguma coisa, senhorita? — perguntou Harding, com ar interessado.

— Sim, creio que sim — e, desenvolta, ela acendeu-se do rapaz. Se percorria os caminhos desta vida com firmeza igual aquela com que caminhava sobre a calçada da rua Baker, era evidente que uma garota assim não escorregaria facilmente... — O senhor é estrangeiro, certo?

— Assim é — sorriu Shylo. — Todo aquele que não é inglês, é estrangeiro na Inglaterra. Mas não sou europeu. Procedo da América. De Nova Iorque, mais precisamente, senhorita.

— Já imaginava. Não é que tenha nada especial que o classifique como americano. Foi sua pergunta há pouco...

— Minha pergunta?

— Sim. Sobre a morte de Sherlock Holmes... e aqueles documentos que figuram no museu.

— Oh, isso!... — Harding sorriu, inclinando a cabeça. — Creio que não foi nada oportuna e cabível. Devo ter parecido um ignorante para os que estavam há pouco no museu. Mas senti certa curiosidade me espetando... Algo me levou a fazer tais perguntas...

— Algo? — ela o olhou vivamente, com ar de surpresa. — O que, exatamente?

— Bem... não sei — ampliou seu sorriso. — É, afinal, tão importante assim?

— Talvez não — e o suspiro que ela soltou, tinha algo de decepção. — O fato é que trabalho aqui, no museu, faz poucos meses. Me encarrego de mantê-lo limpo e arrumado. Sempre fui uma grande admiradora das novelas de Conan Doyle. E certos dados que achei naquela documentação a que o senhor aludiu me preocupam. Também me fiz algumas vezes as perguntas que o senhor fez. Talvez por isso... Bem, esqueça. Ambos devemos compreender que quem nunca existiu... nunca poderia morrer. E quanto aos documentos...

— Sim, claro — admitiu Shylo, pensativo. — Mas... mas o fato é que continuo a me fazer essa pergunta, embora não queira. É como se alguém a tivesse me sugerido...

Seria imaginação sua ou os olhos azuis-cinza da moça tinham brilhado com repentina excitação? Sua voz também tinha um acento estranho de ânsia.

— Quem poderia sugerir-lhe isso? O senhor falou com o guia, com os outros turistas?

— Não — suspirou Shylo. — Foi... foi uma simples idéia, um pensamento súbito... enquanto eu contemplava a coleção de recortes de jornais... e o diploma do pretenso Dr. Watson, senhorita...

— Eileen — ela disse, sem deixar de fitá-lo. — Me chamo Eileen.

— O meu nome é Shylo. Shylo Harding... Sou escritor. Novelas policiais, cheias de mistério e intriga e coisas tais — sacudiu a cabeça, rindo. — Mas não espere muito disso. Não sou famoso. Nem sequer sou um bom escritor.

— É curioso.

— Que quer dizer com isso? — perguntou o jovem americano, meio intrigado.

— Seu nome... Será que ainda não percebeu?

— Que tem meu nome de especial?

— Chama-se Shylo Harding. Suas iniciais, S. H.; são as mesmas..., as mesmas de Sherlock Holmes.

— Bem, essas coincidências às vezes acontecem — sorriu Harding, fazendo um gesto displicente.

— A verdade é que nunca me ocorrera pensar nisso. Nem creio que tenha maior importância...

— Não, claro que não. — Por que ela continuava a olhá-lo daquele modo tão fixo, tão estranho? Após curta pausa, Eileen sorriu, meio forçado, e acrescentou em tom displicente: — Bem, não vou tomar mais o seu tempo... Foi um prazer conhecê-lo, sr. Harding. Se desejar visitar o museu, me avise. Posso facilitar-lhe um convite que lhe poupará alguns shilings. Para onde remeto o convite?

— Estou hospedado no Hyde Park Hotel. Obrigado pela sua gentileza. Nesse caso, nos veremos aqui de novo.

— Até breve então. sr. Harding. E continue pensando nisso...

— Em que? — perguntou Shylo, antes de se afastar.

— No que o preocupou há pouco. Como morreria Sherlock Holmes, se tivesse existido realmente? Doente, vítima de um acidente repentino... ou assassinado? Valeria a pena obter uma resposta... Mas o autor já morreu. E como, o senhor disse, o personagem nunca existiu..

— Elementar, minha cara srta. Eileen — disse Harding, sorrindo. E agitando a mão numa despedida, afastou-se na direção da parada de ônibus, em Marylebone Circus, precisamente muito próximo do Museu de Cera de Madame Tussaud. Optando assim pelo transporte de superfície em vez de utilizar o trem do metrô londrino, que possuía duas passagens de

acesso justamente com o nome de Baker Street na estação.

Mas enquanto o ônibus de dois andares, de cor vermelha, típicos exemplos do cenário urbano londrino, o conduzia de volta a Hyde Park, Shylo Harding se pôs a pensar na jovem Eileen. E na tal coincidência de suas próprias iniciais, detalhe em que até então não lhe ocorrera pensar.

E, sobretudo, ficou a refletir sobre o estranho e inexplicável motivo que o levava a perguntar ao guia do museu sobre aquele tema absurdo: "Se Sherlock Holmes tivesse existido realmente... como teria morrido?"

A jovem Eileen sugerira três possibilidades muito lógicas. Qualquer uma delas teria servido a Conan Doyle para dar cabo de seu personagem principal: uma enfermidade grave, um acidente... ou um assassinato. Ela também aludira a certos dados informativos pelos quais parecia sentir um interesse especial...

Essas idéias continuavam a mostrar-se ridículas e sem sentido. Ele estava especulando sobre algo que nunca acontecera de verdade. Algo que, como suas próprias novelas — ressaltando-se a distância que havia entre suas historietas e as de mestres do gênero — era somente um mundo feito de papel e tinta de impressão. Nada mais que isso.

E se esqueceu do assunto, para mergulhar no encantamento que Londres reserva para qualquer visitante. E talvez tivesse se esquecido para sempre daquilo se não recebesse, no hotel, aquele telegrama,

após ter voltado de uma demorada e exaustiva excursão pelos arredores de Londres.

— É para o senhor — disse o recepcionista do Hyde Park Hotel, estendendo a Harding o envelope da agência telegráfica.

Com ar surpreso. Harding observou o telegrama. Endereço e destinatário estavam corretos.

Pensou em seu editor, lá de Nova Iorque, em algum amigo mais chegado.

Mas não estava realmente à espera de notícias urgentes de ninguém.

Quando abriu o telegrama e verificou que fora enviado da própria Londres, sua surpresa aumentou. Leu duas vezes o texto curto e curiosíssimo

"Um dos personagens autênticos foi vítima de um erro judiciário e morreu na forca. Watson."

Capítulo 2

Harding acendeu um cigarro e se pôs a caminhar pelo quarto do hotel, pensativo.

Não podia dormir. Já tentara, mas sem resultado. Tivera que se levantar, aborrecido consigo mesmo por essa crise súbita de insônia. Cansado como se sentia por ter perambulado o dia todo pela cidade, em suas andanças de turista, resultava surpreendente o fato dessa total ausência de sono.

Serviu-se de uma boa dose de uísque americano, cuja garrafa ele trouxera na viagem. Preferia-o ao scotch, pelo menos naqueles momentos. Retirou do barzinho duas pedras de gelo. Depois bebeu um gole e, com o copo na mão, acercou-se da janela, para contemplar as formas agora indistintas de Hyde Park envolto na noite sem neblina. A famosa neblina londrina, que não lhe parecia tão intensa nos dias atuais. Recordava-se de noites muito mais nevoentas na própria Nova Iorque.

O telegrama continuava ali, amassado sobre a mesa. Com seu absurdo texto. E com aquela incrível assinatura: Watson.

Watson... Quem era esse Watson? O famoso médico amigo de Holmes, por acaso? Claro que ele, Shylo Harding, não acreditava em fantasmas. Se Holmes nunca existira realmente, tampouco o dr. Watson, seu fiel amigo e memorialista. Sua pergunta fora motivada pelo afã de levar a fantasia a seus extremos. Além disso, estava vivendo em pleno 1970. Fazia agora cem anos que aqueles dois personagens literários tinham vivido sua existência livresca. E se tivessem existido de verdade, agora já teriam se passado sessenta anos desde a sua morte, por mais velhos que tivessem chegado a ser.

Além do mais, por que lhe enviaram aquele telegrama? Quem conhecia seu interesse pelo assunto? Pelo que se lembrava, apenas o guia e a conservadora do museu do Sherlock Holmes, a jovem Eileen... E os outros visitantes naquela ocasião, claro. Mas estes tinham se afastado após a visita ao museu, sem fazer caso dele, Harding. O guia tampouco sabia nada a seu respeito, muito menos onde se hospedava em Londres.

De repente Shylo Harding deu um tapinha em sua própria testa. Soltando uma exclamação abafada.

— Como não pensei nisso antes? Foi aquela garota! Sim, uma brincadeira que ela me fez, um tanto pesada, não há dúvida... Ela sabe meu nome, o hotel onde estou hospedado... e quer me demonstrar seu

senso de humor, em vez de me remeter o tal convite a que se referira... Na certa que foi isso. Voltarei aquele museu, e falarei com ela... Aí vai saber direitinho o que penso sobre suas brincadeiras...

Acabou de beber o uísque, amassou o cigarro no cinzeiro e voltou a deitar-se, com a convicção de que agora ser-lhe-ia fácil pegar no sono.

Claro que conseguiu dormir dessa vez. Mas sonhou e teve pesadelos. Pesadelos que tinham como cenário uma rua mergulhada em espessa neblina, rompida apenas pelas luzes bruxuleantes dos lâmpões de gás, como o solo umedecido pela garoa, pois era uma noite sombria e chuvosa. Era a rua Baker, precisamente. E um homem com sobretudo de tecido xadrez e boné também do mesmo padrão, acercava-se na direção dele, Harding, alto, pálido e espigado, com uma estranha frieza nos olhos penetrantes, seu perfil anguloso recortando-se contra o halo amarelado de um dos lâmpões de gás da rua..

Então, um grito agudo, terrível, ecoou. E a figura alta e delgada desapareceu na neblina. Uma carruagem se afastou, e luzes fracas brilharam mais adiante, por trás da janela do n° 221 da rua Baker...

Shylo acordou nesse exato momento, a testa porejada de suor. Teve que se levantar de novo. Mas, por sorte, já não voltaria a ter pesadelos ao retornar ao leito e pegar de novo no sono.

Mas no dia seguinte ele voltou de novo à rua Baker. E acercou-se do guia do museu, que o olhou surpresa.

— Outra vez aqui, senhor? — perguntou ele. Gostou tanto assim do que viu aqui?

— Não vim propriamente para ver o museu. Procuro pela srta. Eileen.

— Oh, a Eileen? — retrucou o homenzinho, dando de ombros. — É estranho, senhor.

— Estranho? Por quê?

— Hoje mesmo ela deixou de trabalhar aqui... Mas agora me recordo... Espere, ela deixou algo para o senhor. Sim, certamente, O senhor é americano e se chama Har- ding?

— Sim. E o que ela deixou para mim?

— Isto — disse o guia do museu retirando do bolso um cartão. — É um convite para que visite, sem pagar, este museu... Creio que ela anotou algo aqui...

Shylo pegou o cartão. Num canto lia-se o seguinte:

" Não me esqueci do prometido. Me perdoe por não lhe enviar esse cartão para o hotel onde se hospeda. Devo ausentar-me de Londres com urgência. Estou certa de que virá aqui, e então Charles lhe entregará o convite. Atenciosamente, Eileen. "

Harding guardou o convite. Fez um gesto negativo para o guia que o observava curioso.

— Não, não vou entrar agora. Tenho certas coisas a fazer. Depois virei aqui.

Afastou-se, pensando em algo que não fazia sentido. Eileen fora embora. E pelo que a moça escrevera naquele cartão-convite, tinha certeza de que

ela nada tivera a ver com o envio daquele telegrama. Então... quem o remetera, e por quê?

As ruas de Londres ofertavam a seus olhos seu diversificado encanto, mescla de sua própria cor local e dos tons cinzentos que formavam o pano de fundo da cidade. Mas elas não lhe ofereceram resposta alguma.

* * *

Shylo saiu da sede da Nova Scotland Yard, seguindo a pé por Victoria Embankment, na direção da Ponte de Waterloo. Fora uma visita a mais. E muito produtiva.

Seu bloco de anotações estava agora cheio de dados obtidos na central de polícia mais famosa do mundo. Os agentes e inclusive os inspetores da polícia londrina tinham se prontificado em facilitar-lhe dados e informações sobre a sua organização, para que pudesse aproveitar esse material em suas futuras novelas. A esses apontamentos, foram acrescentados folhetos e boletins da New Scotland Yard, muito úteis para sua tarefa literária. Ele tivera uma grata impressão dos membros da renomada polícia inglesa.

Caminhando pela margem do Tâmesa, ia contemplando os pitorescos edifícios ingleses, recortando-se sobre a já quase inexistente neblina da capital inglesa, que havia deixado de ser um item de conversa, para converter-se em simples fantasia de outros tempos. Mais adiante, vistas à distância, a Somerset House, e a seu redor, os escritórios governamentais, a sede do Almirantado, a Abadia de Westminster, e mais

além, na outra margem do rio, o Hospital de Saint Thomas, o colégio Médico e o London Country Hall.

Ali estava a Londres que todo turista espera encontrar ao chegar da América. Mas sem névoas, fantasmas e nem noites tétricas e ameaçadoras, como nos tempos da literatura vitoriana. Shylo Harding teria chegado a se sentir decepcionado não fosse por ter acabado de visitar a New Scotland Yard. E porque tinha visitado também a Câmara de Horrores, com suas figuras reproduzidas em cera, de Madame Tussaud, a Torre de Londres e... o íntimo e peculiar museu da rua Baker, 221.

Aquilo sim, era a Londres que ele esperava ver. Ainda que configurando uma série de itens inefáveis, superados por uma época agora muito diferente, que inclusive já arrojara para o mundo das recordações os Beatles e as modas informais de The Apple, ou os souvenir fáceis de adquirir em Portobello ou no Sono.

De repente, Harding deixou de pensar nisso tudo. Parou em Whitehall Court Gardens, olhando repentinamente para trás. Espetou o olhar num ponto determinado, com expressão cautelosa.

Seria imaginação sua... ou alguém o seguia?

Procurou descobrir qualquer tipo suspeito entre as poucas pessoas que circulavam pelo Embankment. Dois homens de boné cinza, e com o ar de estivadores... Um indivíduo alto, de capa de chuva impermeável, de cor-de-abóbora, e guarda-chuvas tradicional... Uma mulher ruiva, de minissaia deixando à mostra pernas bem torneadas... Mais adiante, três ou

quatro meninos, gritando e dando pontapés numa bola de borracha...

Sacudiu a cabeça. Evidentemente, algo o estava sugestionando em demasia ultimamente. Equivocara-se. Ninguém o seguia. Ninguém o vigiava. Além disso, era uma idéia totalmente absurda. Em Londres ele era um perfeito desconhecido. Não havia razão alguma para que alguém pudesse vigiá-lo.

Continuou a caminhar. Ao chegar à Ponte de Waterloo, subiu a rua rumo a Aldwych, por Lancaster, e se achou então em Drury Lane, a caminho da rua New Oxford.

Tomou um uísque com gelo numa cervejaria inglesa, rodeado de rapazes ingleses cabeludos que teriam chocado, sem dúvida alguma, aos habitantes do mundo remoto e austero de Sherlock Holmes. Os tempos agora eram outros, e às vezes custava muito imaginar que há somente setenta anos ou pouco mais se desenrolara aquela época tão diferente, com luzes de gás, e ruas com calçamento de pedra.

O uísque despertou-lhe o apetite, e resolveu procurar um restaurante ou, pelo menos, um snack bar, onde satisfazer aos apelos de seu estômago. Foi ao sair da cervejaria, saturada de fumaça de cigarros e charutos, música estridente e odor de bebida, que Shylo sentiu de novo a mesma estranha sensação.

Era vigiado. Seguido.

Parou de estalo diante de uma vitrina. Olhou em volta, curioso, mas simulando fixar-se na contemplação de uma loja de artigos sexys; a vitrina

repleta de publicações pornô, bonecas infláveis e diversos outros objetos eróticos, mais ou menos divertidos.

Um pastor anglicano passou rapidamente junto à loja pornô, sem dar-lhe uma espiada sequer. Shylo conteve um sorriso. Numa esquina avistou duas moças que riam, junto à porta de outra cervejaria. Mais adiante, um homem de capa impermeável, chapéu de feltro e guarda-chuva. Mas não era o mesmo de antes. Este usava uma capa cinza-pérola, mais curta. E o indivíduo era mais corpulento e corado. Mais além, diante de uma banca de jornais, estava uma garota ruiva, com calças texanas e blusa estampada com um motivo pop, e que comprava uma revista de modinhas moderna.

Shylo voltou a sacudir a cabeça. E se dispôs a seguir em frente, convencido de que estava começando a sofrer alucinações. E aí parou de chofre, outra vez.

— A ruiva! — exclamou em tom abafado.

Voltou-se rapidamente. Ela tinha começado a mover-se atrás dele, folheando distraidamente uma revista de modinhas.

Era a mesma moça. Só que já não usava mais minissaia, como no Embankement, mas sim jeans muito justos. Mas isso não importava. O rosto era idêntico. E ele a reconheceu de imediato.

— Ei, você! — chamou impulsivamente, dando meia volta e dirigindo-se para a jovem com rapidez.

A ruiva não hesitou. Atirou a revistinha numa lixeira de metal, e saiu a correr prontamente. Isso demonstrou a Shylo que estava certo. Mas embora tivesse corrido atrás da ruiva com rapidez, os outros transeuntes dificultaram-lhe a passagem. E aquela moça parecia tão ágil como perfeita conhecedora daquele logradouro. Desapareceu por uma rua adjacente a High Holborn, sem que Shylo conseguisse mais do que se cansar da corrida que dera, tendo que se deter, ofegante, nas proximidades de Shaftesby, sem avistar mais a moça. Perdera sua pista, sem dúvida alguma.

Recordou aquele cabelo ruivo, os olhos cinza, quase verdes, e a firmeza de suas pernas fortes e bem feitas. De minissaia ou de jeans, ela tinha uma figura perturbadora e cheia de atrativos. Mas desaparecera em meio à movimentação das ruas londrinas com a maior facilidade.

Harding se pôs a refletir, com ar preocupado, sobre os acontecimentos daquele dia. Primeiro, fora o misterioso telegrama assinado por "Watson". Depois, a ausência de Eileen, a garota do museu de Sherlock Holmes, e a única que sabia algo sobre ele e suas andanças pela capital inglesa. E agora, aquela sensação de se sentir seguido, vigiado... e a estranha fuga da bonita ruiva desconhecida, como a confirmação de que se tratava de algo mais que um mero pressentimento.

Qual o por quê daquilo tudo? A seu ver, não fazia o menor sentido.

Retornou ao hotel devagar e mal-humorado. Antes entrou num restaurante para jantar. Tomou um caldo de carne e comeu uma costeleta de porco com purê de batata, acompanhado de uma excelente cerveja "Watnays".

Depois disso, não se sentia com disposição de procurar diversão noturna em Londres. Suas visitas turísticas daquele dia, tinham conseguido cansá-lo um pouco. Seria melhor descansar naquela noite, e pensar em divertir-se nas seguintes.

Afinal de contas, Shylo Harding não podia supor que aquela iria ser a última noite em que se fizera, realmente, dono de seus próprios atos. A partir dali, tudo ia **mudar** em sua vida.

Ao entrar no hotel, o recepcionista entregou-lhe a chave com um sorriso. Então, deu uma olhada no escaninho correspondente e disse:

— Ah, sr. Harding! Um momentinho, por favor. Há um pacote registrado para o senhor. Nós assinamos o recibo em seu nome... Não chegou pelo Correio, e sim por um mensageiro.

— Ah, sim? — fez Shylo, intrigado. Observou o envelope enorme, encorpado e de papel acetinado, com uma etiqueta amarelada num dos cantos, onde se lia o nome de uma agência incumbida da entrega de mensagens urgentes especiais. Leu seu nome, nitidamente escrito, com letras maiúsculas no alto do envelope. Figurava ali também o nome do hotel.

— Obrigado — disse em tom sério. Sopesou o envelope. Pesava bastante. Devia conter numerosas

fo- lhas, a julgar pelas aparências. — Não deixaram nenhum recado junto com isto⁹

— Não, senhor — replicou o recepcionista, sacudindo a cabeça negativamente.

— Está bem, obrigado — e Shylo Harding acercou-se do elevador, observando, intrigado, o volumoso envelope tamanho ofício. — Caramba, não estou entendendo nada disso.

* * *

Já estava acomodado na poltrona, em seu quarto, com a porta fechada, e um copo de uísque sobre a mesa, quando desistiu de ver um programa na tevê a cores, e se pôs a abrir o envelope e examinar seu conteúdo.

Não havia nenhum bilhete anexo. O texto que lhe haviam remetido constava de uma série de folhas, costuradas com barbante, e cobertas com uma capa tosca, de cartolina cor-de-abóbora.

Surpreso, sem dar crédito a seus olhos, leu o que estava escrito na capa:

"Derradeiro Manuscrito de John F. Weston. Londres, 1897.

— Que coisa estranha... — murmurou Harding, sacudindo a cabeça, perplexo. — Deve tratar-se de um equívoco[^]

Apesar disso, ergueu a capa cor-de-abóbora, feita de cartolina já antiga, amolecida. Piscou duas

vezes. O papel estava amarelecido pelo tempo, gasto nas margens e nos cantos.

A caligrafia era bem cuidada, de alguém habituado a escrever, e as letras tinham sido grafadas com tinta roxa.

Era a forma de escrever de um homem minucioso, metódico e frio, capaz de desempenhar as funções de escriturário e historiador a uma só vez, mas sem imaginação para criar nada de inspiração pessoal, embora dotado de uma fidelidade total ao que transcrevia.

Fascinado, Harding deixou-se cair na poltrona, esquecido inclusive de beber seu uísque com gelo, para começar logo a ler aquelas linhas bem traçadas num papel amarelecido pelo tempo e escritas por um homem habituado a refletir assim, quando a vida lhe permitia conhecer as coisas por experiência própria.

Um leve calafrio, agitou Shylo Harding, que se mostrava surpreso e admirado, quando seu olhar acompanhou aquelas linhas, somente as primeiras, daquele texto que só podia corresponder a uma pessoa em cuja existência ele jamais acreditara...

Como se algo intangível e imaterial se solidificasse de repente diante dele, dando vida ao que sempre fora uma simples lenda, as palavras, as frases, as linhas inteiras daquele incrível manuscrito, ganhando forma ante os olhos fascinados de Shylo:

" Creio que nunca poderei esquecer aquele dia em que seu amigo Hakes recebeu aquela carta e se voltou para mim, dizendo em tom vago:

— Meu querido amigo, por fim recebo notícias muito aguardadas... Vamos ter que fazer uma viagem a um certo lugar deste país, particularmente inóspito e desagradável, para tratar de desmascarar o pior e mais feroz dos assassinos que já encontramos em nosso caminho...

— Oh, Hakes!... — exclamei eu, surpreso. — Acreditava que um inverno calmo nos aguardava aqui em Londres, preparando o material para essas memórias que devemos selecionar e ordenar devidamente...

— E assim seria, meu caro amigo, se não fosse pelo caso dos degolados...

— Os degolados? Pois se há um condenado que vai ser punido por esses crimes...

— Eu sei. Por isso devemos nos apressar.

E muito, Weston. Depende de nós que esse pobre diabo, o Terence Carter, não vá terminar seus dias, injustamente, na forca.

— Quer dizer que Terence Carter é...

— Inocente? — o rosto pálido e flácido de meu amigo se animou com um sereno sorriso. — Sim, meu bom doutor.

Receio muito que, caso não nos apressemos o suficiente para esclarecer a verdade o quanto antes, esse infeliz acabe no patíbulo sem ser culpado de nada de que foi acusado... Vamos, prepare as malas.

Ternos que seguir viagem ainda esta tarde.

E quando Hakes dizia algo assim, cumpria atendê-lo. Eu estremei, porque a tarde, além de

sombria, estava fria e chuvosa. O vento arrojava jatos d'água da chuva contra as vidraças do estúdio, e a idéia de abandonar aquele lugar confortável,

Onde crepitava vivamente a lenha na lareira, para nos lançarmos a uma viagem infernal,

só Deus sabia com que rumo, me atemorizou bastante,

E isso sem contar que eu, então, ainda não podia saber o que nos aguardaria ao término de nossa malfadada viagem.

Quando saí com meu amigo da casa n° 221 da rua Baker, não podia imaginar de modo algum que era a última vez em que isso acontecia.

E que, em consequência, este manuscrito que agora inicio, com dor e amargura, teria que ser... meu último relato sobre a vida maravilhosa que experimentei ao lado do mais notável e surpreendente de todos os homens..."

* * *

Assim iniciava John F. Weston o seu relato. Seu último manuscrito, como declarara.

Shylo Harding continuou lendo a surpreendente narrativa, concentrado naquele texto que, pela primeira vez, chegava a seu conhecimento através da própria letra do homem que havia vivido aquela aventura, há mais de setenta anos atrás..., como colaborador de uma pessoa que, por estranha coincidência, morara no

mesmo prédio onde agora estava instalado o célebre museu de Sherlock Holmes.

O relato se iniciava com a crônica dos crimes bárbaros de um degolador.

Crimes que tinham se desenrolado de início em Londres, e pelos quais um homem chamado Terence Carter fora condenado a morrer na forca.

Os degolamentos tinham se iniciado em Londres, certamente, mas haviam prosseguido depois em outro ponto da Inglaterra.

Ainda que no seu manuscrito, John F. Weston se referisse, em princípio, aos crimes que marcaram a abertura do sangrento caso: justamente em Londres, em 1897...

E a essa época se referia o manuscrito...



Capítulo 3

Aquele inverno apresentara-se especialmente rigoroso. Talvez o pior dos últimos cinco anos, pelo menos na região de Londres.

As chuvas, o vento forte e a temperatura média muito baixa, aliviavam-se à ocorrência de neblina densa. Era rara a pessoa que, após anoitecer, se atrevia a andar pelas ruas naquela sucessão de noites inclementes.

E, no entanto, sempre havia alguém que se pusesse a caminhar sozinho pelas ruas, protegendo-se da chuva com um guarda-chuva, ou andando quase colado aos muros, para que as marquises lhe servissem de amparo contra o aguaceiro.

Alguém que poderia ser vítima de qualquer tipo de agressão, dado o perigo representado pelas ruas de Londres, em meio à cerração, à cortina de chuva, a obscuridade que era rompida aqui e ali pelos lampiões de gás, muito espaçados.

Nesse cenário é que começaram os crimes praticados pelo Degolador...

De início, o Degolador não se fixou num lugar certo para agir. Começou a fazer suas vítimas em Blackfriars, em janeiro de 1897, para prosseguir no Soho, em fevereiro do mesmo ano, transferindo-se logo depois para Whitechapel, no início de um mês de março muito frio naquele macabro ano de 1897, para terminar atuando outra vez em Blackfriars, porém agora mais próximo de London Road, muito ao sul do Tâmisa e da ponte, numa espécie de círculo fechado, que voltava a completar-se após uma série Sangrenta de cinco assassinatos quase selvagens.

Sempre com a marca do degolamento. Sempre escolhendo uma vítima solitária e indefesa. Mas sem a conotação do sexo, que caracterizara, por exemplo, anos atrás, os famosos crimes cometidos por Jack, o Estripador, na zona de Whitechapel. O Degolador, pelo contrário, quando visitou Whitechapel em sua série sangrenta de crimes, preferiu a parte alta, quase em Spitalfields, como se quisesse escapar à qualquer comparação com aquele célebre estripador de meretrizes.

Além do mais, o Degolador assassinava homens e mulheres, indistintamente. Seus motivos eram, na realidade, um obscuro enigma para os agentes da Scotland Yard, especialmente o Inspetor Ian Jamerson, um rijo escocês a quem haviam incumbido de investigar o caso.

A primeira vítima do Degolador, fez pensar que se tratava de um novo Estripador. Mas foi somente uma comparação falsa, já que o fato de ser aquela vítima uma mulher leviana, em busca de alguém para

aquecer-lhe a cama naquela noite fria e chuvosa, mostrou ser uma simples casualidade. Seguiu-se um vagabundo que tocava uma caixa de música e tirava a sorte no Soho. Ele apareceu com o pescoço cortado de lado a lado, apoiado em sua caixa musical e junto a um caixote de lixo, em janeiro daquele trágico ano.

A terceira vítima foi um rapaz que tinha acompanhado sua namorada até em casa, após voltarem de um concerto, num humilde mas decente bairro da zona sul de Spitalfields. E foi nesse mesmo bairro que tombou a quarta vítima, um sacerdote da igreja da rua Fournier, selvagemmente assassinado no jardim de sua paróquia. Finalmente, a quinta vítima encontrou a morte em Blackfriars, de novo. Era uma mulher de meia idade, encarregada da faxina de um colégio para mocinhas, e que ia pegar ho serviço naquela madrugada quando mais intensa era a chuva e as ruas se achavam mais escuras.

Fora essa a trajetória dos crimes do Degolador. Em todos esses casos, o assassino utilizara algo que, a princípio, todos supuseram ser uma faca comum, meio dentada. Mas a autópsia feita nas vítimas veio a demonstrar logo que não era assim. A arma usada pelo assassino era surpreendente, estranha.

Ele usara, em todos aqueles crimes, uma espécie de garfo ou forqueta de duas pontas muito afiadas, como para trincar carne. Aquela arma recurva, dilaceradora, fora empregada para destroçar cinco pescoços humanos, produzindo cortes e rasgos espantosos.

Inicialmente não se conseguira apontar um culpado direto. E então... a arma do crime fora descoberta. Justamente após o quinto assassinato ser cometido. Na zona sul de Blackfriars, junto a London Road.

Era, certamente, um garfo recurvo, especial para trincar certo tipo de carne, como as de frango, carneiro e perus. Dispunha de um cabo de madeira, pontas afiadíssimas e curvas, igual a uma pequena, mas eficiente forqueta de aço. Foi achada numa lata de lixo, entre detritos e sangue. Este sangue também empapava as pontas afiadas, onde se viam fragmentos de pele e músculos humanos despedaçados. O cabo de madeira, totalmente tingido de sangue, ao ser lavado pelos médicos legistas, deixou à mostra duas iniciais feitas com prata, incrustadas na madeira escura. Essas iniciais eram T.C. Ia ser o encaminhamento de uma pista muito concreta, que levaria à prisão de um suspeito.

O Inspetor Jameson era um homem honesto, obstinado e metódico. Aos poucos, suas investigações foram se encaminhando de molde a indicar um possível culpado que correspondesse aos dados já reunidos até então.

E assim foi, justamente quando o sexto crime foi cometido. Outro degolamento, mas, surpreendentemente, desta vez não em Londres, mas sim num lugar tão distante como os pântanos de Helmsey, no Condado de York.

E, uma vez mais, a arma era a mesma que fora usada nas ruas londrinas durante os primeiros meses de 1897. Justamente em abril desse ano, um jovem cavaleiro, que trabalhava para a família Trevor, de Helmsey, foi achado morto nas cocheiras, com o pescoço degolado. O delegado local notificou a Scotland Yard, e o Inspetor Jameson viajou até Yorkshire, para averiguar a ocorrência. Evidentemente, era a sexta vítima do mesmo assassino. Tudo coincidia. Os legistas se puseram de acordo sobre isso. E foi achado outro garfo trinchador, afiadíssimo, tingido de sangue, entre os montes de feno da cocheira.

Dessa vez, ao ser lavado o cabo da arma só exibiu uma única inicial: um T, bordado com arabescos. Era o brasão dos Trevor.

Assim se chegou à aparente solução real do caso. Porque precisamente a mansão dos Trevor se erguia próximo do pantanal, ao norte de Helmsey. A névoa dos lúgubres pântanos do Yorkshire alcançava com frequência seus limites, enroscando-se como serpentes de vapor viscoso, sobre as escuras e úmidas pedras daquela mansão senhoria).

Achava-se a serviço dos Trevor um homem chamado Terence Carter. Era o secretário particular de sir Nigel Trevor, o membro mais velho da família. Além de secretário, estava incumbido dos assuntos ligados aquela casa, tanto em Helmsey como em Londres.

O curioso era que os Trevor tinham morado justamente até aquela semana em Londres, mudando-se para Helmesey dois dias antes daquele bárbaro crime.

Insensivelmente, as suspeitas do inspetor Jameson foram se concentrando em Terence Carter, cujas iniciais coincidiam com as da arma afiada achada em Londres, junto da última vítima do Degolador. .

Por infelicidade, o suspeito não foi detido prontamente, por decisão dos chefes da Scotland Yard. E quando Jameson teve autorização para tal, já era tarde. Uma nova vítima tombou em Yorkshire, a sétima de uma série sangrenta de crimes.

Uma jovem criada, a serviço dos Barret, uma família vizinha dos Trevor, tanto em Londres como em Helmsey, foi encontrada morta, com a garganta cortada, nas cercanias do chamado Grande Pântano de Helmsey, o maior e o mais perigoso da região. Essa moça era Judy Kane, e noiva de Terence Carter, que enviuvara após seu primeiro casamento. Apesar dos protestos e desespero de Carter, este foi oficialmente acusado e preso pelo delegado local, que o conduziu a Londres, por requisição da Scotland Yard.

Durante o julgamento, Terence não pôde oferecer nenhum álibi nem justificar certas ausências, e foi finalmente condenado à morte, como autor dos sete assassinatos cometidos pelo já denominado "louco do trinchador de carne". Os Trevor procuraram auxiliá-lo no possível, inclusive pagando a um dos melhores advogados londrinos para que defendesse Carter, mas foi tudo em vão, e Terence Carter foi sentenciado à forca, com base sobretudo em seus antecedentes psiquiátricos, e seu internamento, tempos atrás, quando enviuvara, num sanatório para doentes mentais. O diretor desse estabelecimento forneceu

informações negativas sobre Carter, mencionando a sua agressividade característica. De nada valeu que Carter jurasse mil vezes estar curado do seu anterior desequilíbrio nervoso. Ninguém lhe deu atenção. E a data de sua execução foi marcada.

* * *

Shelby Hakes, detetive particular, fez sua aparição no caso de forma inesperada.

Recebera um© visita muito especial, pouco depois de Terence Carter ser condenado à pena capital pelo tribunal do condado de York. E aí começou o que iria ser o último caso investigado por Hakes.

O visitante chamava-se sir Christopher Trevor. Era o jovem proprietário de Trever Mews. Patrão de Terence Carter e de Judy Kane, a última vítima do misterioso degolador. Casara-se recentemente com a mulher que lhe fora destinada sempre, a atual Lady Viveca Trevor, não a Viveca Barret, dos Barret de Londres. Duas famílias de nome e que se uniam pelos laços do matrimônio. Algo muito comum na Inglaterra vitoriana.

Estavam casados há um ano exatamente. Tinham residido primeiramente em Londres, depois de dois meses de viagem de lua-de-mel pelas colônias britânicas. Agora, achavam-se instalados em Helmsey, junto com seu criado Sidney Plummer, a camareira Judy Kane e o secretário particular de sir Trevor, Terence Carter, assim como outros membros menos importantes da extensa criadagem.



As palavras do jovem sir Christopher ditas ao detetive foram claras e objetivas. Embora sendo um homem muito moço, denotava segurança e energia. Hakes pôde perceber isso ao ouvir sua opinião pessoal sobre o caso:

— Não creio que Terence Carter seja culpado. É certo que estive em um sanatório psiquiátrico, mas isso se deveu ao choque que lhe causou a morte da esposa num infeliz acidente. Já está curado agora. Era um homem agressivo antes de ser internado na clínica, depois mudou inteiramente de atitudes. E não creio nos psiquiatras que afirmam que Carter voltou a seu estado de agressividade, devido a impulsos possivelmente sexuais. Não creio, de modo algum, nesses psiquiatras.

Hakes até ali se limitara a ouvi-lo em silêncio, sem assentir ou refutar nada. Quando sir Christopher já expressara sua opinião, evidentemente contrária aos psiquiatras, mostrando-se o oposto do que era moda então entre os londrinos, que começavam a acreditar muito cegamente na magia médica dos especialistas em psiquiatria, talvez influenciados pelas novas técnicas advindas de Viena, principalmente as de Sigmund Freud, o detetive cocou o queixo, observou o visitante com atenção, e se limitou a dizer com evidente segurança:

— Por favor, sir Christopher, procure ser mais objetivo. Esqueça a psiquiatria e seus modernos adeptos. Diga-me, porque deduz que Terence Carter, sentenciado à força por um juiz e um júri imparciais, não é culpado realmente desses crimes de que o acusam?

Se conseguir me persuadir disso... me verá esta semana mesma em Trevor Mews, no condado de York, tenha certeza disso.

Isto acontecia numa terça-feira, sir Christopher acabou por contar tudo que sabia sobre o assunto. Mas não soube de início se conseguiria convencer ou não o seu famoso e enigmático interlocutor.

Mas naquela mesma semana, Shelby Hakes viajava de trem com destino a Helmsy.

Faltavam então dez dias para o enforcamento de Terence Carter.

Hakes e seu amigo e colaborador Weston chegaram a Helmsy na manhã de sábado. Rodney Fox, dono do único hotel decente com que contava então o pequeno povoado, e também cantineiro, os atendeu, relatando com detalhes os fatos ocorridos na região pantanosa de Trevor Mews. Sua versão não diferia muito da já conhecida oficialmente através dos jornais, da polícia e do próprio sir Christopher Trevor.

Mas Rodney Fox, um moço de vinte anos apenas, acrescentou alguns detalhes que os dois recém-chegados ouviram atentamente. Rodney referiu-se a Sidney Plummer, o mordomo e homem de confiança dos Trevor, também jovem ainda fora de quaisquer suspeitas, e ao terror crescente que Lady Viveca ao se ver naquela região, residindo em um povoado que não era do seu gosto e que a inquietava mais que Londres. E, sobretudo, referiu-se à

convicção plena de todos os membros da criadagem de Trever Mews quanto a inocência de Terence Carter naqueles crimes de que era acusado.

Apesar de tudo, isso não era uma evidência, muito menos para ser apresentada num tribunal e servir de salvação para Terence Carter. Os dois investigadores, na qualidade de hóspedes especiais em Trevor Mews, começaram então seu trabalho, que Hakes esperava levar a termo naquele reduzido prazo. Justamente uns poucos dias que restavam para que Terence Carter fosse executado por determinação da Justiça britânica.

Fox afirmou que a mansão dos Trevor tinha fama de estar amaldiçoada há anos, talvez há algumas décadas. Essa impressão — como Hakes e Weston puderam constatar depois — era compartilhada intensamente por Lady Viveca, a jovem e impressionável esposa de sir Christopher. Um vendedor ambulante cego, Levine, que se fazia acompanhar por um filho seu, cego também, assegurava em tom lúgubre que um monstro ávido de sangue humano passara um dia perto dele. Ele o pressentira.

Os dias começaram a decorrer com excessiva rapidez. Hakes investigava, discretamente, e nem sequer seu colaborador sabia o que se passava na mente do detetive, naqueles dias decisivos para um homem que esperava, já removido para Newgate, em Londres, o momento de ser enforcado. Mas, às vezes, um estranho brilho nos olhos de Hakes, um gesto seu meio evasivo e astuto, enquanto fumava seu cachimbo recurvo, e desfrutava do calor íntimo da casa dos

Trevor, os seus longos passeios meditativos entre a névoa gélida e soturna dos pantanais de York, davam a entender que seu cérebro trabalhava a todo vapor, buscando um meio desesperado de salvar a vida de um homem, se este era realmente inocente. Ou, pelo menos, apurar a verdade. A única e autêntica verdade que, inicialmente, se ocultara nos becos sombrios de Londres envoltos pelo fog, e agora nas paragens rodeadas de névoa espectral e úmida dos pantanais de Yorkshire, ocultando a identidade de um sinistro assassino. Um assassino que utilizava uma estranha arma para destroçar a garganta de suas vítimas.

Foram freqüentes as visitas de Hakes aos arredores. Percorreu as margens sempre perigosas dos pântanos, e fez muitas perguntas aos moradores da região. Perguntas que nem sempre Weston conseguiu entender, embora estivesse presente e acompanhasse atentamente os métodos do seu amigo, como já ocorrera em casos anteriores.

Às vezes, Weston se dizia que Hakes, apesar de sua capacidade de trabalho, sua mente lúcida e sua incríveisagacidade, já não era o mesmo de antes. Sua idade já era avançada — conquanto Hakes sempre se mantivesse esbelto, ágil e vivaz — e temia que qualquer dia viesse a faltar-lhe sua capacidade de dedução, significando seu primeiro fracasso.

Mas Hakes não parecia pensar assim. Sua disposição, sua capacidade de trabalho, eram constantes. E até parecia otimista às vezes quanto ao resultado final de suas investigações, em que pese, como

era habitual nele, não revelasse detalhe algum a seu colaborador.

Especialmente, no dia em que visitou Rodney Fox no hotel de Helmsey, e então conversou longa e amigavelmente com um menino cego, de dez anos, chamado Russ Levine, que acompanhava o seu pai, também cego, um vendedor ambulante. Então Hakes mostrara-se particularmente otimista e quase feliz.

Naquela noite jantaram com o Trevor no salão de festas, pois Lady Viveca e sir Christopher comemoravam seu primeiro aniversário de casamento. Sidney Plummer serviu a mesa sobriamente como sempre, e Hakes se mostrou tão falante que contou, inclusive, anedotas ouvidas em sua juventude, fez perguntas cordiais e animadas a Plummer, enquanto Lady Viveca tocava piano, interpretando aceitavelmente obras de Brahms e Chopin.

Ao retirar-se para descansar, Weston estava convicto de que seu amigo já estava a par da verdade, e aquela noite fora seu modo algo ingênuo de festejar a vitória sobre o misterioso assassino. Faltavam somente três dias para que Terence Carter fosse executado em Newgate...

Mas justamente naquela madrugada, aconteceram duas coisas fundamentais em Helmsey e em Trevor Mews.

No povoado, verificou-se que Rodney Fox desaparecera de maneira misteriosa. Quando foi localizado no dia seguinte, estava morto. Afogado no pântano, não distante de Trevor Mews, e ao que

parecia de forma puramente acidental, no longe de sua carroça, na qual costumava viajar até o povoado próximo, para adquirir mantimentos e outros artigos para seu estabelecimento.

Quase simultaneamente, Hakes adoeceu em Trevor Mews. Foi achado quase em coma no quarto de hóspedes.

O médico da localidade, chamado com urgência pelos Trevor, diagnosticou um colapso cardíaco, e concordou com Weston em que o enfermo fosse removido com urgência para Londres, a fim de ser hospitalizado e devidamente atendido.

Assim foi feito, e Hakes deu entrada ainda com vida num hospital londrino. Não chegou a se recuperar. Poucas horas após ter sido hospitalizado, o colapso se repetiu, mais intenso e o morador do n- 221 da Baker Street deixou de existir.

Era o inverno de 1897. Um homem acabara de desaparecer para sempre. O médico local e outros assinaram o atestado de óbito, e Hakes foi sepultado.

Até meses mais tarde, quanto Terence Carter já fora enforcado irremissivelmente em Newgate, Weston não se deu conta de que o coração de seu amigo tinha funcionado até então perfeitamente, portanto aquele colapso fatal tivera muito de suspeito.

Mas exumar o cadáver do amigo era uma tarefa muito penosa, e talvez já completamente inútil. Renunciou assim à idéia, mas continuou a alimentar aquela suspeita, o temor de que cometera um erro por precipitação.

Talvez Hakes tivesse morrido vítima de algum tóxico capaz de paralisar subitamente seu coração. Somente sua enorme resistência física o impedira de morrer em Trevor Mews, suportando então sua remoção para Londres, ainda que não viesse depois a se recuperar da segunda crise cardíaca que resultará fatal.

Bem, todo o homem tem seu encontro, um dia, com a morte. A Hakes também ocorrera esse derradeiro encontro. Mas o dr. John F. Weston concluía seu manuscrito com uma pergunta lacerante que, talvez, o acompanhou até o túmulo, no início do século XX.

Hakes descobriu realmente qual era o assassino que agira em Londres e nos pantanais de York? Fora envenenado por esse criminoso, para que sua identidade não fosse revelada e assim a vida de Terence Carter não fosse salva?

Teria Hakes levado para o túmulo o grande segredo de um velho assunto criminal, de uma sangrenta série de mortes violentas, pelas quais um inocente pagara na forca, nos idos de 1897?

Eram perguntas que Weston jamais conseguira responder.

E ali terminava o manuscrito de John F. Weston. Com algumas perguntas sem resposta. Com um mistério ainda por solucionar", e a impressão de que aquele derradeiro relato era como um desafio ao futuro. E a quem inserido nesse mesmo futuro lesse a última parte de suas Memórias...

Shylo Harding desviou o olhar da última página amarelecida do manuscrito. Tinha os olhos irritados, cansados. E até mesmo sonolentos.

Contara com saber mais, muito mais, enquanto lia aquele texto tão antigo. Mas não havia uma solução final. Tudo ficara no ar. Devia pensar que dessa vez não se tratava de uma simples novela, transcrita por seu autor, calcada nas reminiscências de um médico seu amigo. Era a verdade que ali estava, direta e nua. A derradeira verdade sobre o gênio da Baker Street.

Fechou o manuscrito, com um suspiro. Deixou-o cair sobre a pequena mesa de seu quarto de hotel. Contemplou-o quase incrédulo.

— Meu Deus... — murmurou então. — Nunca pensei que num museu de ficção, viesse a se encontrar um caso interessante, entre a documentação real, anexada ali para dar mais verossimilhança ao ambiente.

E recordou aquela manchete de jornal: "Terence Carter, acusado de vários assassinatos brutais, será enforcado hoje."

Mas afora tudo isso, havia algo mais. Muito mais. Havia uma antiga e terrível verdade. Um inocente, talvez tivesse morrido na forca. Certa investigação nunca chegara a ser concluída. O investigador poderia ter morrido de uma enfermidade. Mas lambem a hipótese de assassinato.

Shylo lembrou-se de algo. Um telegrama assinado por Watson. Falava de uma morte por erro judicial. Seria a de Carter? Parecia evidente. E aquela

assinatura fora, certamente, utilizada por Eileen, para que ele, Shylo, se interessasse.

Mas, voltando a Hakes... quem poderia ter-lhe administrado um veneno, naquela noite distante nos pantanais de York, numa mansão senhorial, próxima de Helmsey? Por que um hoteleiro chamado Rodney Fox aparecera afogado no pântano?

Eram mistérios em demasia. Perguntas demais sem resposta possível, agora. Tinham decorrido setenta e três anos. Nenhum dos personagens de então existia. Portanto, a que levaria mergulhar agora no passado?

Pessoalmente, ele achava que a nada aquilo conduziria. Mas alguém pensava de outro modo. Porque, a não ser assim, que significava o fato de que alguém, possivelmente a bonita zeladora do museu, tivesse remetido para ele, Harding, o último manuscrito de John F. Weston?

— Sim — murmurou Shylo, com ar intrigado.— Que significa isso afinal?...

Nesse exato momento o telefone tocou.

Shylo contemplou o aparelho, perplexo, confuso. Era uma hora já bem adiantada para se esperar algum telefonema normal. Tampouco achava que o pessoal do hotel pudesse vir incomodá-lo por qualquer pretexto.

Pegou o fone e disse, com voz seca:

— Shylo Harding falando. Que houve?

— Desculpe, senhor — disse a telefonista do hotel. — Vou colocá-lo em contato com alguém que nos chama com premência.

Decorreram apenas três segundos, depois um curto clique.

Logo uma voz de mulher se fez ouvir, mas já não era a da telefonista do hotel, e sim uma de acento apaixonado, voz rouca e evidente nervosismo:

— Sr. Harding, se já leu o diário de Weston... sabe agora o que aconteceu então. Já se vão muitos anos de tal caso. Mas há pessoas que não descansarão em paz, contanto que não se esclareça tudo com exatidão... e aí a verdade venha a brilhar.

— Quem está falando? — perguntou Shylo, nborrecido. — Por que me conta tudo isso?

— Saiba o senhor que os Trever ainda vivem, e se mudam amanhã para Helmsey, no Yorkshire — replicou a mulher, sem responder à pergunta de Harding. — Há um homem que irá visitá-lo ainda esta noite...

Um homem que tem algo de suma importância a dizer-lhe, acerca desse manuscrito e dos antigos crimes... Dê-lhe atenção, eu lhe peço.

Deve estar para chegar aí... e o que ele sabe... pode esclarecer muitas coisas que no passado nunca loiam aclaradas. Sabia que chegaria alguém.

Alguém que seria como... como o fantasma surgido da Baker Street. Como o escolhido por uma sombra do passado, para reencarnar-se temporariamente.

Mal o vi... soube que esse alguém era o senhor...
— Ficou louca? — reclamou Shylo, irritado. —
Com quem estou falando?

Que procura conseguir com todas essas tolices,
senhorita?

Mas não obteve resposta. Nem poderia. Ouviu-
se um distante clique.

Tinham desligado. E o silêncio voltou a imperar.

Nesse instante bateram à porta do quarto.

Shylo pôs o fone no gancho bruscamente, er-
guendo-se rapidamente. Olhou para a porta, mal-
humorado.

— Quem será agora? — perguntou elevando a
voz, agressivo.

Ninguém retrucou. Em vez disso, as batidas
leves na porta se repetiram.

Já francamente-aborrecido com aquela
sucessão de acontecimentos inexplicáveis, Shylo
Harding acercou-se da porta em largas passadas.
Abriu-a sem mais delongas, encarando a pessoa que
ali estava.

— Bem — disse rispidamente, — que deseja
aqui?

O outro ficou olhando Shylo fixamente. Abriu a
boca, começou a balbuciar algo, como se tentasse
articular as palavras.

Mas em vez disso, ante o espanto de Shylo,
aqueles lábios abertos deixaram escapar uma golfada
de sangue.

Com os olhos vidrados, o desconhecido soltou
um estertor rouco, cambaleou e acabou caindo aos pés
de Harding, murmurando algo vagamente parecido
com:

— Os... os pântanos... O monstro... sedento
de... sangue...

Então, ao cair de bruços ante o novelista
americano, este percebeu, horrorizado, o cabo de
chifre de punhal que aparecia com a lâmina afundada
entre os omoplatas do infeliz indivíduo.

Não era preciso ser médico nem detetive, para
aber que aquele homem caído sobre o tapete da
entrada, já estava morto.

Fora assassinado à porta do quarto do hotel.

Capítulo 4

O Monstro do Pântano

O inspetor Kenneth Simms, da New Scotiand Yard, pertencia à Brigada Volante da famosa organização policial britânica, e costumava, assim, ocupar-se de homicídios, acidentes graves, atentados, assaltos e coisas afins.

Era um homem de estatura não muito alta, robusto e meio rude, cujos estreitos olhos cinza dificilmente deixavam passar algo por alto. Parecia imune a surpresas devido ao seu trabalho habitual. E, no entanto, mostrava-se agora desorientado diante do cadáver estendido sobre o tapete do quarto do luxuoso hotel londrino.

Os peritos da Scotiand Yard terminavam sua tarefa de fotografar o corpo, buscar impressões digitais e examinar a fundo o local do crime. Lá fora, no corredor, inúmeros curiosos, hóspedes do hotel, se agrupavam, comentando excitadamente aquela ocorrência que surpreendera tão desagradavelmente

aos empregados do hotel e, obviamente, aos donos do mesmo.

O olhar atento do inspetor Simms pousou finalmente no homem que parecia ser, com o assassinado, o personagem mais importante em cena: o hóspede norte americano Shylo Harding. Havia um brilho de curiosidade e acentuado interesse no olhar metálico do policial, enquanto observava a única testemunha do fato.

— O senhor afirma que não conhece o morto... disse inicialmente Simms, pensativo.

— Certo — assentiu Shylo. — Nunca o vi até agora. • • r.

— Mas veio morrer em seu quarto.

— Isto é evidente, inspetor — admitiu secamente Shylo.

— Acredita o senhor que ele já estava ferido gravemente quando bateu nesta porta... ou puderam ciavar-lhe esse punhal nas costas quando o senhor abriu a porta?

— Não sei como pode ter acontecido. A única coisa que sei é que, quando abri a porta, ele estava sozinho no corredor.

Tem certeza?

— Absoluta.

Nem sequer um hóspede, um camareiro, alguém que passava pelo corredor quando o senhor abriu a porta?

— Ninguém.

•...—...Alguém poderia permanecer oculto, sem que o senhor tivesse possibilidade de vê-lo?

— Suponho que sim, Atrás de um ângulo do corredor, ou de uma porta entreaberta... Algo assim, é possível. Eu não me fixei senão nesse homem. Logo a seguir, ele caiu quase sobre mim, e vi então o cabo do punhal emergido de suas costas.

— Não é um punhal ou faca — corrigiu o policial.

— Não?

— Não. É uma adaga muito especial. Lâmina larga, fio duplo, pontiaguda. Cabo em feição de cruz, com empu- nhadura de osso. Uma adaga antiga, pos- sivelmente de alguma coleção de armas. Pode en- contrar-se à venda, mas só em casas de antigüidades; ou de colecionadores de armas desse gênero. Não é? uma imitação nem uma cópia feita recentemente.

— Fala como um expert, inspetor — disse Hard- ing, sorrindo.

— Sou um especialista — e Simms suspirou. —; Tenho uma coleção muito completa de armas antigas, sr. Harding. É uma de minhas paixões. Meu hobby, como dizem atualmente.

— Entendo — e Shylo Harding franziu a testa, observando o cadáver, que os agentes da Scotland Yard cobriam agora com uma lona branca, enquanto dal rua vinha o ruído de uma sirene de ambulância. Em volta do cadáver, fora traçado seu perfil, no chão. — O modo como esse homem foi morto e a arma utilizada, em nada parecem comuns; não é o que nos é dado a entender, inspetor?

— Sim, assim é — Simms sacudiu a cabeça, pensativo, consultando a seguir as anotações em sua agenda antes de prosseguir: — O morto chamava-se Yates, segundo seus documentos. Sterling Yates. Este nome lhe diz algo, sr. Harding?

— Não. Em absoluto. Já lhe disse que não co- nhecia o...

— Sim, já me disse. Mas às vezes, um nome soa familiar ainda que não se conheça o dono do mesmo.

— Não é esse meu caso com relação a esse infeliz, eu lhe asseguro. Acredite que estou querendo ajudá-los neste assunto. Jamais me vira envolvido em um fato tão desagradável, menos ainda num país que não é o meu, inspetor.

— Compreendo isso muito bem — assentiu -Simms, com um leve sorriso. — Sterling Yates era advogado. Testamenteiro de ricas famílias inglesas. Irazia todos os seus documentos consigo. Especial- mente um que me deixou surpreso.

— Por que, inspetor? Os advogados sempre levam consigo documentos diversos...

— É que esse a que me refiro, além de lacrado, parecia ter um valor especial — comentou o inspetor Kenneth Simms, cocando o queixo. — Nós o en- i entramos no interior do forro de seu paletó, num com- prtimento especial, muito difícil de ser achado à primeira vista, e nada fácil de roubar, nem sequer por hábeis profissionais.

— Isso já tem um toque mais singular... Por que me conta isso, inspetor?

— Porque sobre o lacre do envelope há um nome impresso em relevo, com letras douradas, uma espécie de brasão. Muito especial, sem dúvida. Um escudo heráldico familiar. O emblema da família Trevor.

— Quem? — Harding sobressaltou-se, a contragosto, fitando o policial com os olhos muito abertos, i

— Trevor. Família Trevor — repetiu Simms, lentamente, sem apartar seu olhar penetrante do rosto do jovem americano. — Por que esse nome o deixou impressionado?

— E quem disse que me impressionei? — retrucou Shylo, controlando suas emoções.

— Eu, sr. Harding — sorriu friamente o policial. Então, rebuscou em seu bolso e estendeu a Harding um cartão de visita, de formato retangular, dizendo com certa ironia: — Creio que isto irá esclarecer minha observação. Me entregaram isto na portaria deste hotel, quando chegamos atendendo a seu chamado...¹ Estava no escaninho correspondente a seu quarto, srj Harding. Me desculpe por não ter-lhe entregue antes.¹ Eu poderia alegar que foi esquecimento meu. Mas o senhor, naturalmente, não iria me dar crédito.

Shylo pegou o cartão de visita que lhe estendera o astuto agente da Scotiand Yard. E Harding logo captou a relação direta entre as perguntas do inspetor e o nome dos Trevor. Estava ali impresso.

E havia umas poucas linhas, escritas apressadamente no cartão. Shylo as leu intrigado.

" Sr. Harding, sei que lhe enviaram um manuscrito.

"Averigüei isso antes de viajar. Estou preocupada com o senhor. Tenha cuidado. Sua vida pode correr perigo. Estou segura de que o assassino ainda vive. Não se arrisque.

" Terence Carter era inocente Eu sei. Também o BSbia o detetive que morreu sem poder demonstrar isso. E outros também o sabem Como os Trevor, por nemplo...

Leve em conta o que lhe digo. Esqueça o i\$unto. Deixe Londres e a Inglaterra. Ainda está em tnpio. Às vezes a curiosidade é paga com a vida. Sua imiga..." -w-W

E seguia-se um risco à guisa da assinatura, sob o nome impresso em dourado no cartão de visita. Um nome muito revelador para Shylo: Eillen Carter.

Bjff'-'

* * *

— Sim, sr. Harding. Eillen Carter. Trabalha no **museu** da Baker Street, 221 confirmou o inspetor Rlmms, consultando suas anotações, já a caminho da '»'do da New Scotiand Yard. Sobre seus joelhos, dentro •ir um envelope de papel fino, estava o manuscrito •iin.iiielecido, pelo tempo, de John F. Weston. — É ela **mesma**. Mas, como o senhor diz, já não se acha mais **naquele** museu. Frisou que se ausentara de Londres.

Il |ué m a ouviu falar do condado de York, mais isso não ► Indo.

— York... — refletiu Shylo, apertando os olhos. Os pântanos... e a mansão dos Trevor...

— Exato — suspirou Simms, movendo afirmativamente sua cabeça de cabelos grisalhos. — Sei o que está pensando. O senhor é um escritor, e possui imaginação. Eu sou policial, e tenho um espírito metódico. Vamos nos encontrar no mesmo ponto.

— Essa moça, Eillen Carter, é parenta de...

— Neta — assentiu Simms, antes que Harding completasse a indagação. — Neta de Terence Carter, morto na forca. Ele era viúvo. De seu primeiro casamento, tinha um filho a quem esqueceu para se enamorar por uma criada dos Trevor, que logo depois morreria assassinada nos pântanos do York. Não me pergunte se era inocente ou culpado. A coisa toda se passou em outra época que não a minha. Faz mais de setenta anos que aquilo ocorreu. O certo é que o filho de Carter casou e teve uma filha, por sua vez, muito tempo depois. Essa menina é agora uma bonita jovem de olhos azuis-cinza e cabelo ligeiramente ruivo, como o senhor me descreveu. Em suma: Eileen Carter, empregada casualmente no museu da Baker Street.

— Pensamos no mesmo — disse Shylo, observando fixamente o seu companheiro de viagem no carro oficial, rumo a New Scotland Yard, em meio ao intenso tráfego londrino. — Ela se empregou ali porque continua interessada em descobrir uma verdade distante no tempo. Sabe que seu avô Terence foi executado em Newgate, há muitos anos atrás. E si propõe a reabilitar o nome de família. Não pensa assim?

— Pode ser — admitiu Simms, de testa franzida. Ou talvez queira vingar-se, sr. Harding.

— Vingar-se? — sobressaltou-se Shylo. — De quem... e por quê?

— Da pessoa que ela supõe tenha assassinado as vítimas atribuídas a seu avô. Lembre-se do que diz nesse cartão: Estou segura de que o assassino ainda vive.

— É uma teoria fantasiosa. Faz setenta anos que aqueles fatos ocorreram, inspetor. Se fosse verdade, esse tal assassino deve ser... um ancião.

— Os Trevor já são muito idosos agora. E seu filho, Sidney Plummer, também.

— Então ainda vivem?

— Sim. Mas naquela época todos eram muito jovens. Pode-se matar alguém quando se é muito moço... e também quando já se é bem idoso. No entanto, sua jovem amiga pode estar enganada. E aí então, talvez venha a se vingar em uma pessoa inocente.

— Não posso crer que essa garota seja uma misssina em potencial, inspetor.

— Não tenha tanta certeza disso. Se ler atentamente sua mensagem, verificará que a mesma pode conter uma advertência... ou uma ameaça velada. Há coisas que se prestam a esse duplo significado: a ameaça o assunto. Saia de Londres e da Inglaterra. Minia está em tempo. Às vezes a curiosidade é paga com a vida... Um aviso? Uma ameaça? Poderia jurar que é uma coisa e não a outra, sr. Harding?

— Não, talvez não, visto por esse ângulo... — admitiu Shylo, com ar dubitativo. — Mas que relação tem tudo isso com o advogado dos Trevor assassinado aqui no hotel, a minha porta? Isso é muito intrigante, inspetor.

— Reconheço que tudo isso é tão confuso, tão complicado... O senhor reafirma que nada sabia sobre esse homem. No entanto, é óbvio que ele vinha vê-lo, e que a morte o surpreendeu antes que pudesse dizer-lhe algo, nem expor o motivo de-sua misteriosa visita.

— Disse algo, pelo menos — recordou Shylo, com um leve estremecimento.

— Oh, sim!, as palavras que o senhor me ditou... — Simms as leu em sua agenda, pensativo. — Os pântanos... O monstro sedento de sangue... Tem certeza de que ele disse exatamente isto?

— Absoluta, inspetor — assentiu secamente Shylo.

— É outra alusão ao misterioso caso de há setenta anos...— observou Shylode soslaio, com interesse. — E curioso, mas um assunto adormecido durante tanto tempo, desperta de repente quando o senhor, um americano alheio a todo esse problema, chega a Londres e resolve visitar o Museu de Sherlock Holmes...

— Sim, é muito curioso. Uma garota chamada Eileen, que é descendente de um sentenciado à forca, me aborda, me envia um telegrama assinado por um ser de ficção, o dr. Watson... Uma misteriosa ruiva me segue, me remete um manuscrito, ao que consta,

autêntico, relatando um caso realmente interessante. . e logo depois sou visitado por um desconhecido que resulta ser o advogado dos Trevor, e a quem matam com uma antiga adaga, justamente à porta de meu quarto... Por que tudo isso tem que acontecer comigo, inspetor Simms?

— Sei tanto sobre isso como o senhor. Mas quanto a alguns pontos, está antecipando suas conclusões. Por exemplo: não tenha tanta certeza de que, com a assinatura do dr. Watson, Eileen Carter haja lhe enviado telegrama algum. Do mesmo modo que Terence Carter tinha uma neta, pode existir algum descendente de John F. Weston, que deseje esclarecer as dúvidas de seu antepassado com respeito a morte de seu amigo. Não lhe ocorreu pensar nisso?

— E esse descendente seria... quem me enviou depois o manuscrito?

— É muito possível. Quem melhor indicado para ser o depositário de um documento assim, do que alguém que descenda do próprio autor dessas páginas, o já desaparecido?

— Sim, vejo que está acompanhando minhas deduções, sr. Harding. Ainda que eu reconheça que muitas coisas persistam obscuras para mim. Essa desconhecida ruiva, a visita de Sterling Yates, sua morte brutal, em pleno hotel... Alguém o vigiava, e não tinha o menor interesse em que o advogado chegasse a falar com o senhor, isto é evidente.

— Mas... e o envelope lacrado, inspetor?

— Para isso vamos agora a Scotland Yard — disse Simms, suspirando bestificamente. — Quero que os experts retirem esse documento do envelope sem tocar nos selos de lacre, sem que ninguém possa perceber que o conteúdo do mesmo foi examinado.... Depois então, o que fazer com ele, ainda que suponha que o melhor será devolvê-lo aos Trevor, para que estes decidam...

— Começo a me perguntar se alguém terá tido a idéia louca de me imaginar capaz de me converter em detetive... e aí outra pessoa, então, me considerar uma ameaça à sua impunidade.

— Não se deixe levar pela sua imaginação de novelista, meu caro. Mas pode haver algo de plausível no que diz. O senhor tem as mesmas iniciais de um detetive de ficção, e de outro investigador que existiu, realmente; foi visto em Baker Street... e é possível que alguém que crê em reencarnações, ou coisa parecida, tenha tido a peregrina idéia de encará-lo como... o próprio espírito de Sherlock Holmes, como o autêntico fantasma da rua Baker, que retorna para desvendar o passado e solucionar um caso que, em razão de sua existência literária não existiu de fato, e sim lhe foi acrescentado de forma circunstancial e secundariamente, para dar ambientação ao mundo ficcional para o qual foi criado.

Taciturno, Harding ouviu os comentários aparentemente irônicos de Simms. Moveu por fim a cabeça com ar pessimista.

— Isso não me agrada, inspetor. Eu não sou mais do que Shylo Harding, um escritor de novelas baratas. E desejo continuar a sê-lo. Para isso, não me ocorre outra coisa senão continuar vivendo.

— Sim, é um modo saudável de pensar — admitiu ironicamente o inspetor, com um bocejo. Olhou para o exterior, e acrescentou então, recolhendo o grande envelope de papel acetinado que estava sobre seus joelhos. — Aqui estamos, sr. Harding. Vai presenciar nossos pequenos atos a fim de poder ler a carta sigilosamente. Espero que não dê publicidade a esse assunto em suas noveletas americanas. Ah, eu lhe devolverei o manuscrito assim que o tenha lido e os técnicos o examinem, para saber se é autêntico ou se trata apenas de uma boa imitação de um velho manuscrito... Vamos, sr. Harding. Seja bem-vindo ao santuário da polícia britânica...

Shylo acompanhou o inspetor, na que era sua segunda visita a New Scotland Yard. Só que na primeira vez o fizera como um turista comum. Agora, se sentia estranhamente mergulhado na própria engrenagem da investigação policial, formando parte de um jogo inexplicável entre o passado e o presente. Um jogo em que a morte violenta parecia ser o elo que unia as épocas e as pessoas.

Fazia setenta anos agora que um degolador ensangüentara as ruas de Londres. E depois, transladara sua obsessão criminosa para os pântanos de Yorkshire.

Agora, outra vez a morte era o personagem central da trama. Um homem, Sterling Yates, relacionado igualmente com a família Trevor, tinha sido assassinado diante de seus próprios olhos, praticamente.

Uma mulher o alertava — ou ameaçava? — augurando-lhe perigos mortais. Outra mulher, uma desconhecida ruiva, o seguia pelas ruas de Londres e fugia ao ver-se descoberta. Um suposto descendente de Weston lhe remetia um manuscrito que ninguém lera até então.

Isso era demais para um escritor comum de novelas baratas, chegado recentemente dos Estados Unidos. Por que ele, precisamente ele...?

Enquanto adentrava no moderno prédio da New Scotland Yard, acompanhando o inspetor Simms, uma idéia lhe passou pela mente. Recordou algo que o policial dissera pouco antes:

— .. É possível que alguém acredite em reencarnações... e o tenha considerado como o espírito de alguém mais..., como o fantasma de Baker Street...

"Bah! — murmurou consigo mesmo, quase furioso por, simplesmente pensar naquilo. — É um disparate, um absurdo completo... Não voltarei a pensar em semelhante tolice..."

E--procurou não pensar realmente. Mas não era tão fácil como supusera.

Sobretudo, depois de se inteirar do conteúdo do envelope lacrado da família Trevor.. >

Capítulo 5

— De modo que é isso...

— Sim, sr. Harding. É isso. A derradeira vontade expressa por sir Christopher Trevor.

— O homem que visitou Hakes no passado... E que não considerava seu secretário Terence Carter culpado. E ainda vive!

— Atualmente já está com mais de noventa anos assentiu Simms, pensativo, enquanto o lacre voltava a ser aplicado ao envelope, com o emblema dos Trevor, sem que se percebesse sinal algum de ter sido mexido antes. --- E deve intuir sua morte próxima ao fazer este testamento em que assinaram, como testemunhas, o próprio Sterling Yates, seu advogado e executor testamentário, e seu criado Sidney Plummer, outro ancião, ainda mais velho que seu patrão.

— Esse testamento ostenta data muito recente. Exatamente... há dois dias — lembrou Shylo ao policial.

— Não pense que eu não notei esse detalhe. É possível que Yates acabasse de voltar de York, e sem tempo sequer para depositar em local seguro o tes-

temu- nho de seu cliente, viesse procurar o senhor por alguma razão qualquer...

— Portanto, o senhor não vê uma relação clara entre a visita de Yates e esse testamento..

— Não — e olhou Shylo analiticamente. — E o senhor?

— Caramba, eu menos ainda! Se nem conhecia Yates, se não conheço em absoluto os Trevor... porque o advogado deles teria que vir me ver, e menos ainda por causa de um testemunho em que só se especifica que todos os bens pertencerão à sua mulher, Lady Viveca, enquanto esta viver, e posteriormente passarão, em sua totalidade, a seu filho Peter Trevor e seu sobrinho Dennis, únicos herdeiros legítimos da família? Desnecessário é dizer-lhe, inspetor, que não conheço em absoluto nem Peter nem Dennis Trevor, e quem nem sequer ouvi falar deles antes, e lhes desconhecía a existência.

— E, apesar de tudo, Sterling Yates, advogado e testamentário dos Trevor, regressa de York, sem tempo sequer para guardar o testamento lacrado em um cofre, e vem ver o senhor, dizendo-lhe algo, antes de morrer, sobre os pântanos e o monstro sedento de sangue... — Kenneth Simms observou a fotocópia que, sem o menor escrúpulo, havia obtido do testamento, antes de devolvê-lo ao envelope. — Não se deu conta de um outro detalhe, sr. Harding?

— Qual?

— Este testamento estipula um pequeno legado para Sidney Plummer, o velho e dedicado mordomo,

cujo total representará aproximadamente uma renda vitalícia de cem libras mensais. Não é muito, mas lhe permitirá viver seus últimos dias sem dificuldades. Há, além do mais, outra curiosidade neste testamento.

— Refere-se ao que alude ao filho de Trevor e seu sobrinho Dennis?

— Exatamente — o policial fixou seu olhar alilado em Shylo rapidamente. — Nenhum detalhe lhe escapa, hem, amigo? Sim, era a isso que me referia... Segundo a última vontade de sir Christopher, os dois herdarão somente no caso de que não contraíam matrimônio antes da morte do próprio sir Christopher e sua esposa, Lady Viveca, que será depositária de todos os seus bens até que venha a falecer. A partir daí então, uma vez de posse de sua herança, Peter e Dennis Trevor, poderão casar de livre escolha...

— É um estranho desejo este, de sir Christopher. Mas suponho que a herança seja de monta para que os herdeiros aceitem, de bom ou mau grado, semelhante condição.

— E supõe com acerto, sr. Harding. O patrimônio "in seu todo é calculado em mais de meio milhão de libras, em bens, dinheiro e propriedades da família Trevor.

— Meio milhão... — murmurou Shylo. — Sim, •Credito que ambos permanecerão solteiros, quer isso lhes agrade ou não

— Não tenha muita certeza disso, meu amigo.

— Que está querendo dizer"?

— Dennis, o sobrinho de sir Christopher, é membro rebelde da família. Passou algum tempo correndo vivendo com uma família hippie, e vive dando as costas às obrigações sociais, e a tudo mais. Já disse muitas vezes que se casará com Hazel, quer sua família goste ou não. E que jamais fará questão de um único centavo da fortuna de sua família. Claro que às vezes essas afirmativas são meras tiradas de jovem que logo, na hora da verdade, são renegadas sob o impacto da cobiça ou da ambição, mas é assim que procede por ora esse rapaz.

— Parece a par de muitas coisas sobre o Trevor... — comentou Harding, irônico.

— Está enganado. Sei muitas coisas apenas sobre Dennis Trevor. Entre outros motivos, porque um músico, compositor e cantor de rock bastante bom porque ultimamente andou às voltas com o uso de drogas. . e porque em razão disso, tive que detê-lo remetê-lo ao xadrez por certo tempo.

— Caramba... -- Shylo contemplou o outro surpreso. — As coisas estão em tal pé para Dennis Trevor?

— Parece que continua usando a maconha e haxixe, mas já não trafica nem se envolve com os vícios de outras drogas ainda piores. Só esteve dois meses preso. Jurou não voltar ao xadrez nunca mais. E creio que cumprirá a promessa. Segundo sir Christopher e seu filho Peter, que é o oposto de Dennis, as melhores famílias contam com sua ovelha negra.

— Sim, eu compreendo. O comportamento de Dennis não deve deixá-los contentes... E a garota?

— Hazel Blackburn? Uma jovem muito atraente e moderninha também. Mas trabalha num inferninho do Roho, fazendo strip-tease. Isso tampouco agrada, obviamente, a sir Christopher e a seu filho modelar.

— E a mulher de sir Christopher? O senhor não me disse nada ainda sobre o que ela pensa...

— Acontece que ela., não pensa.

— Como assim?

— Está doente. Muito doente, sr. Harding. Inválida e mergulhada num mundo irreal. Sofreu, faz anos, um ataque cerebral. E a que outrora foi uma bonita e elegante dama, agora é apenas uma mulher que sofre, reclusa em sua mansão, presa a uma cadeira de rodas, e com a mente incapacitada, vivendo num passado que já não existe...

Shylo não fez nenhum comentário. Estava se dizendo que a família Trevor era um estranho e decadente agrupamento de pessoas de outro tempo, tão amareladas e desvaídas como o papel e a caligrafia daquele velho manuscrito do dr. Weston. Talvez o passado, com suas sombras sinistras, pesasse demais sobre eles.

Mas agora havia algo mais que coisas de outros tempos. Havia um morto. Um homem, vítima de um assassino. Teria havido um criminoso enlouquecido no passado, uma criatura de pesadelo, chamado o Degolador. Mas agora existia outro assassino. Alguém

que usava uma velha adaga, em vez de um garfo j trlnchador de pontas afiadas...

Que elo unia o assassino do passado ao do 1 presente? Onde estaria o fator comum a duas épocas l separadas entre si por mais de setenta anos de distan- j ciamento?

Desejaria encontrar resposta para alguma des-1 sas perguntas. O mau é que não encontrava nenhuma. 1 E nem sabia onde encontrá-la...

* • *

Shylo Harding? Norte-americano? — e o donol da casa fez um gesto de surpresa evidente, e sacudiu! a cabeça, desorientado, volteando entre os dedos o! cartão de visita do jovem estrangeiro. — Não entendo...! Nunca estive nos Estados Unidos, nem creio, também,! que nos conheçamos...

— Certo. Não nos conhecemos — disse Shylo! sorrindo quietamente.

— Então... que tipo de brincadeira é esta? — EM um certo ar de irritação desenhou-se nos olhos claro* do moço em mangas de camisa, de longo cabelo on! dulado e calças compridas, tipo jeans, de um azul desbotado, muito justas nas suas pernas magras.

— Não se trata de uma brincadeira, sr. Trevor. -1 E Shylo suspirou, armando-se de paciência. — Tinha que vir vê-lo.

— Bem. Já me viu. Se tem algo a me dizer, peç! que seja breve — e indicou os fundos da casa, comi

justificativa. — Pode ver as malas preparadas. Vou me ausentar de Londres hoje mesmo. Para ser mais exato, dentro de uma hora... e ainda me resta muito a fazer,- sr. Harding.

— Não lhe tomarei muito tempo. Não gostaria de que atrasasse sua viagem a Helmsey por minha causa

— Como? — Dennis Trevor olhou Shylo rapida- mente, com receio. — Não me lembro de ter dito a alguém que...

— Não tem importância. Suponho que vá a Helmsey. Quando será feita a leitura do testamento?

— Mas... — a cor voltou ao rosto de Dennis, mas a seguir suas faces se avermelharam vivamente, e assumiu um ar meio hostil, apertando entre os dedos, delgados e nervosos, o cartão de visita de Harding. — Quem afinal é o senhor, e que pretende com toda essa conversa? Como pôde saber tantas coisas sobre mim?

— Não se exalte, por favor — e Shylo sorriu de leve. — Devo informá-lo de algo muito penoso. O advogado de sua família, Sterling Yates, foi assassinado em Londres. A polícia recuperou um envelope lacrado, com o sinete dos Trevor, que poderia conter o testamento que Sterling ia ler para todos vocês nessa reunião de família em Helmsey...

— Que está me dizendo? — agora sim, não havia cor alguma no rosto do jovem Trevor. — Yates... nssassinado? Por quê, por quem?

— Isso a Scotland Yard gostaria de saber. No momento, estão investigando o caso.

— Por que veio o senhor me contar isso? A que se deve estar tão a par de tudo?

— Sterling Yates tinha ido me ver quando o assassinaram diante de minha porta, no hotel. O motivo eu ignoro, mas foi o que sucedeu. Assassinaram-no usando uma adaga, não com um trinchador de açougueiro, sr. Trevor. Mas ele, antes de morrer., me falou do monstro dos pântanos...

— O monstro dos pântanos! — ecoou Dennis Trevor, com um estremecimento. — Meu Deus, não é possível!... Essa velha e maldita história mais *uma* vez...

— A polícia entregará a seu tio Christopher o envelope lacrado, não se preocupe. Se se trata do testamento, será respeitado devidamente.

— Céus! Tudo isso não tem sentido! — O jovem sobrinho de sir Christopher Trevor parecia deveras impressionado.

— Não me agradava a idéia de ir a Helmsey. Agora, ainda menos. Mas prometi a Hazel... e iremos lá.

— Os dois? — perguntou Harding, observando bem o outro, com surpresa.

— Sim, por que não? — Dennis mostrou-se desafiante.

— Terão que aceitá-la, queiram ou não. É minha noiva. E será minha esposa. Não lhe permitirei alojar-se naquela mansão, claro.

Não quero receber favores de tio Christopher e nem do meu primo Peter. Tia Viveca entenderia melhor

meu caso, melhor do que ninguém se .se pudesse. Mas para que pensar no que não tem conserto sr. Harding? Continuo sem saber por que está aqui, já que não nos conhecemos, e não há motivos, assim, para que tenha vindo me informar..

— Não me preocupei em saber seu endereço em Londres e vir procurá-lo apenas para dar-lhe uma notícia desagradável e batermos papo.

Eu também estou à procura de algo, e talvez o senhor possa me ajudar a encontrar...

- Eu? - - atalhou Dennis, intrigado. — Em que poderia ajudá-lo? O que é que procura?

- - A razão que me venha a esclarecer porque um advogado me procurava, momentos antes de ser assassinado. Por que alguém me enviou um velho manuscrito, assinado por um tal Weston. Por que afinal me seguiam e vigiavam...

Por que tantas e tantas coisas que não têm o menor sentido estão acontecendo comigo... e que sempre me relacionam, indefectivelmente, com certas pessoas que jamais conheci e de quem nunca ouvira falar até então. Essas pessoas... são seus familiares, sr. Trevor.

Os Trevor de Helmsey, da mansão senhorial próxima aos pântanos de Yorkshire... Os Trevor que se relacionaram faz muitos anos com os crimes sangrentos cometidos pelo Degolador. em Londres e em Helmsey.

Os Trevor, cujo secretário particular, Terence Carter, morreu executado na forca em Newgate, talvez condenado por crimes que não cometera.

E, agora, um parente de Carter, tantos anos já passados, está tratando de demonstrar a inocência de seu antepassado. Sim, sr. Trevor. Sua família, em cuja casa, durante o tempo em que lá permaneceu como hóspede, um homem sofreu um estranho colapso que lhe causou a morte, conquanto haja razões poderosas para se imaginar que tal colapso foi provocado por um veneno desconhecido que alguém misturara a uma bebida em Trevor Mews... Que me diz de tudo isso, sr. Dennis Trevor?

O moço de ar indolente, de aspecto muito informal, escutara tudo aquilo boquiaberto, sem saber sequer o que retrucar.

E continuava assim espantado, quando uma voz soou atrás de Shylo Harding. Uma voz de acento brincalhão.

— Também a nós agradaria muito ter uma resposta para tudo isso, sr. Harding. Mas o certo é que essa resposta... creio que se encontra nos pântanos de Helmsey. E no passado. E também nos derradeiros pensamentos de um homem que talvez esteja tentando, desde o além, solucionar seu último caso de mistério...

Shylo voltou-se bruscamente, impressionado por aquela voz feminina grave e irônica.

Aí soltou uma exclamação de espanto:

— Você!

Era a tal ruiva misteriosa. A mulher que o seguira no dia anterior por vários logradouros da capital inglesa.

— Hazel, minha querida, tudo está pronto para a viagem — disse nesse exato momento Dennis Trevor, dirigindo-se à jovem de cabelo cor-de-fogo.

— Mas este homem me entreteve com a sua visita inesperada... Andou dizendo coisas incríveis...

— Hazel? — Shylo contemplou com renovada surpresa a moça ruiva. —...A senhorita é... Hazel Blackburn? A noiva de Dennis Trevor?

— - Sim - ela retrucou, com um sorriso.

— Suponho que esse nome não lhe diga nada. Mas talvez pense de modo diferente se lhe disser que meu sobrenome materno é... Weston.

Capítulo 6

- Weston.. Hazel Blackburn Weston...
- Exato A neta de John F. Weston. A pessoa que lhe enviou o telegrama. E a que deixou aquele manuscrito em seu hotel. Entende agora?

.....Não. Nem um pouco — suspirou Harding. — Por que agiu desse modo? Quem lhe deu meu nome? Como sabia que me interessava — entre outras coisas - pela morte de Hakes?... São muitas as indagações sem resposta.

— Se todas as respostas fossem tão simples...
— sorriu amargamente Hazel, movendo sua cabeça ruiva. Sr. Harding, eu estava no Museu de Sherlock Holmes quando o vi interessar-se por um caso real, que o colocou na pista que poderia conduzi-lo às causas da morte de um detetive. O senhor conseguiu me deixar intrigada. Muito mesmo. Quando falou com Eileen Carter, eu o escutei, em meio aos outros visitantes do museu. Suas feições me deixaram curiosa O senhor. bem, o senhor me recordava alguém. Só depois, em minha casa, quando folheeí umas antigas anotações

de meu avô, descobri uns esboços de Hakes, feitos casualmente a lápis pelo médico... e aí compreendi que ambos tinham certa semelhança fisionômica, e traços físicos algo peculiares. Igualmente altos, de rosto enxuto, nariz aquilino, olhos penetrantes... E seu nome logo me deixou intrigada. Tinha as mesmas iniciais: S. H., as quais coincidem, também, com as do personagem criado por Conan Doyle. Sim, já sei o que vai dizer. Dennis me disse o mesmo muitas vezes. Sou por demais imaginativa. E me interesso por problemas metafísicos, por parapsicologia, espiritismo, contatos com o Além, teorias sobre reencarnação... Talvez seja um excesso de fantasia de minha parte, ou uma tolice, não sei. Mas sempre achei que os homens retornam de alguma forma entre os vivos,. E ento, a obra que ficara incompleta, se realiza... O senhor me fascinou. confesso. Quis depositar minha fé no senhor, e em meus pressentimentos, Quis acreditar que, certamente, no 221 da Baker Street existe algo mais que um museu e um recanto de recordações.

— Se lhe der muita atenção, acabará ficando louco, Harding — queixou-se Dennis Trevor ao volante do carro, girando a cabeça para trás um instante, aproveitando um trecho reto da estrada asfaltada que levava de Londres ao norte do país. -- Hazel tem idéias muito estranhas...

— O certo é que, de bom ou mau grado, estou metido nesta situação até o pescoço — retrucou Shylo, com ar resignado. — E percebo ser tão difícil sair disso, que em vez de recuar, me ocorreu a idéia de viajar com vocês a Yorkshire. Quando disse isso por telefone ao

inspetor Simms, ele se pôs logo a debater, me chamou de idiota e intrometido, e me assegurou ser bem possível que eu termine meus dias naqueles pântanos. No entanto, aqui estou agora. A caminho da sepultura, talvez.

Hazel o fitou com firmeza. Parecia preocupada ao responder:

— Deve cuidar bem de si mesmo, e ter cuidado com cada passo que der. Até agora, para mim, este era somente um antigo mistério perdido no tempo, como um objeto recoberto de pó e teias de aranha, esquecido em qualquer canto de uma casa. Mas é algo mais. Muito mais. Existe alguém que quer enterrar esse passado definitivamente, afogando-o em sangue. O advogado dos Trevor sabia de algo a respeito disso. Talvez tenha visto Eileen Carter, e ela lhe tenha falado do senhor. Por uma obscura razão que talvez nunca cheguemos a conhecer, Sterling Yates foi à sua procura... e encontrou a morte.

— Mas ele morreu em Londres, querida, não em Helmesy — observou Dennis, manobrando o carro numa curva, junto à ponte de pedra de um bonito vilarejo inglês. — E em Londres, a que eu saiba, ontem só estávamos Peter, eu, você, Eileen Carter... e o próprio advogado Yates. Entenda, nenhum de nós existia naquela época. As únicas pessoas já vivas então são tio Christopher, tia Viveca e o fiel Sidney. Agora, todos eles já têm mais de noventa anos e não têm saído de Trevor Mews, ao que sabemos. Portanto, como relacionar o matador de Yates com... com o velho Degolador do século passado?

— Existe algo chamado loucura hereditária, Dennis — lembrou Harding, secamente. — E existem pessoas que seriam capazes de qualquer atrocidade para salvar sua família da vergonha e do escândalo. São duas possibilidades que justificariam a existência de dois assassinos diferentes, separados entre si por setenta e tantos anos de distância.

Houve um profundo silêncio no interior do carro. Este rodava a boa velocidade, rumo a York. Já fazia tempo que Londres ficara para trás. A campina inglesa, particularmente verde e úmida entre Luton e Cambrigde, salpicada de povoados e aldeias realmente deliciosos e pitorescos, se estendia agora em tudo que a vista podia abarcar.

— E uma espantosa possibilidade... — murmurou por fim Hazel B. Weston, olhando Harding preocupada. — Jamais me ocorreu a idéia de que alguém pudesse chegar a se converter num assassino para encobrir a outro antigo criminoso de seu mesmo sangue... E no entanto, isso em um Trevor resultaria numa reação quase lógica, terrivelmente normal.

— Menos em mim — resmungou Dennis, com ar zangado. — Não mataria nem a uma mosca, se isso significasse honra para os Trevor! São uma família de aristocratas decadentes, cheios de preconceitos e anacronismos. Ao diabo com todos eles.

— Isso o retira do rol dos suspeitos... — falou Shylo, sorrindo, acrescentando logo a seguir, com ironia: — Mas também a cena com a possível desconfiança de que esteja fazendo uma jogada, rep-

resentando o papel de inocente para ficar livre de toda suspeita.

— Essa é uma boa dedução — riu Dennis entredentes.

— Elementar, minha querida srta. Weston, não é mesmo? - - e Harding sorriu por sua vez. voltando-se para a moça

— Por favor. não... - ela rogou, fechando os olhos com um estremecimento. — Não fale assim. Sei que é só uma brincadeira, mas... mas me faz pensar se não será certo que algo ou alguém está guiando seus passos.,, em uma direção determinada.

Shylo deu de ombros, cético. Olhou em volta. O dia, ensolarado, ainda que com nuvenzinhas brancas salpicando o céu azul. e a bela e verdejante campina inglesa não se prestavam a alimentar superstições nem crenças em sombras ou fantasmas do Além.

No entanto, Hazel parecia crer naquilo profundamente. E a única coisa certa é que agora ele estava se aproximando dos pântanos de Yorkshire, e de uma mansão tristemente famosa devido a uma história antiga de sangue, horror e morte... sem saber com certeza o que estava fazendo ali. Como se algo superior à sua própria vontade o tivesse forçado a dar esse passo transcendental, que, pressentia, o aproximava mais e mais de um perigo quase certo.

Talvez da própria morte.

* * *

— Dennis. meu sobrinho, me disse que queria me falar, sr. Harding.

Shylo Harding assentiu com um gesto de cabeça. Olhava fixamente o homem de pé à sua frente, na ampla e velha biblioteca da mansão próxima dos pantanais. Sentia uma estranha impressão ao recordar que estava contatando com uma das poucas pessoas no mundo que tinham conhecido pessoalmente o maior dos detetives lendários ou não

Sir Christopher Trevor tinha visitado o estúdio de Hakes, quando este vivia em Baker Street, há mais de setenta anos atrás. E ali começara o que seria o derradeiro caso daquele mestre da dedução detetivesca, até culminar com sua misteriosa morte.

— Sim, sir Christopher. Tinha grande interesse em conhecê-lo e conversar com o senhor Chegando há pouco a Helmsey, tive apenas o tempo justo para deixar minha bagagem na hospedaria do povoado, e vir até aqui com seu sobrinho Dennis.

— Por que deixar a bagagem lá? — replicou em tom de censura sir Christopher. — Sendo amigo de Dennis, podia ter vindo diretamente para cá. Em minha casa sempre há um lugar para os amigos dos Trevor. Esta casa dispõe de muitos quartos para hóspedes, e me honro em ver sentado à minha mesa quem visite esta casa com algum membro da minha família, sr. Harding.

• Obrigado, mas não quis ser um incômodo para ninguém. — Harding preferiu ocultar a sir Christopher o fato de que preferira realmente ficar na

hospedaria local para fazer companhia, de certo modo, à ruiva Hazel, a noiva de Dennis, enquanto este se alojava, como era tradicional, na antiga, sombria e ampla mansão de Trevor Mews. Depois de curta pausa, Shylo acrescentou, — O que desejava era conhecê-lo. E falar de um velho assunto já esquecido..

— Falar comigo? -r- sir Christopher piscou de repente. -- Sobre qual assunto, sr. Harding? O senhor me disse que é americano...Existe algo em seu país que se relacione comigo?

Não. Na América, não. Mas na Inglaterra, sim, sir Christopher. Outro dia visitei um museu em Londres. O da rua Baker, 221. Até então julgava estar simplesmente visitando um lugar habitado pelo mundo da ficção, dedicado à imaginação e inventiva de um novelista. Não podia imaginar que naquele lugar vivera, casualmente, um detetive particular. E que o senhor, certo dia, fosse vê-lo em seu estúdio para pedir-lhe que viesse aqui, à região dos pântanos, para esclarecer alguns sangrentos assassinatos. Já terá esquecido o Degolador, Terence Carter, executado em Newgate... e a própria morte do homem a quem o senhor-solicitou ajuda?

Sir Christopher empalideceu intensamente. Pareceu inquieto. E isso, em um homem de sua idade, resultava ostensivo e empanava sua aparência ativa, arrogante. Aquele ancião de noventa e dois anos, podia passar por um homem de setenta e poucos, bem vividos. Quando visitara Hakes, como membro dos Trevor, tinha apenas dezenove anos. E sua mulher, Viveca, dezessete. Tinham acabado de casar, e seu pai

sir Nigel, estava gravemente enfermo, e seu tio Arthur Barrett, pai de Viveca Barret — futura Lady Viveca Trevor — falecera. Daí ter sir Christopher tomado a frente da situação. Mas agora, de repente, a arrogância daquele cavalheiro alto, de cabelo branco e ralo, feições atiladas e olhos penetrantes por trás de óculos de aro de ouro, se desfazia um pouco, como um objeto coberto de poeira e que de repente colocamos sob um foco de luz notando que não se acha tão bem conservado como pudera parecer na penumbra.

— Meu Deus! Ainda se fala nisso? Quem se recorda ainda desse fato?

— Não sei, sir Christopher. Mas eu o tenho em mente. E a Scotland Yard também

— A Scotland Yard? — repetiu o lorde, franzindo a testa e parecendo ainda agitado. — Que têm os policiais a ver com isso? Já faz muitos anos que tudo aquilo ocorreu. E o antigo caso foi arquivado...

— Aquele caso, possivelmente sim. Mas outro foi aberto, sir Christopher. Seu advogado, Sterling Yates... foi assassinado com uma velha adaga, na porta de meu quarto do hotel...

Trêmulo, com um traço de horror no rosto, o velho aristocrata recuou, olhando com terror para Shylo Harding, seu visitante. Teve que se apoiar num escuro e pesado móvel, junto à lareira, acesa e reconfortante. E Shylo notou que a mão de sir Trevor tremia de modo evidente.

-- Yates... Impossível! — murmurou o velho. — No pode ter morrido... assassinado... É absurdo, sr. Harding!

— Seu sobrinho Dennis confirmará isso. sir Christopher — retrucou Shylo, com um suspiro. — Mas isso aconteceu em Londres. Nada tem a temer. Ninguém irá suspeitar do senhor, digamos, por mera hipótese. Mataram Yates ontem. E Londres fica muito longe daqui.

— Mas... mas acontece que eu fui a Londres ontem! — exclamou com um acento lamentoso o membro mais idoso dos Trevor, com ar angustiado. — E precisamente para falar com Sterling Yates... Tínhamos que realizar certas gestões na capital. Depois de nosso encontro, cada um tomou seu caminho... Hoje, justamente esta noite, ficamos de nos reunir aqui... em Trevor Mews... para uma cerimônia familiar.

— Creio saber do que se trata: a leitura de seu testamento. Ou estou enganado, sir Christopher?

-- Como o senhor pôde saber...? — o velho indagou alarmado.

— Esse testamento acha-se em poder da Scotiand Yard. Posto num envelope lacrado. Ele lhe será entregue pelo seu filho Peter, quando voltar de Londres, com um advogado especialmente designado pela Scotiand Yard para ser o depositário do envelope lacrado até que este esteja em suas mãos, sir Christopher.

— Céus, mas tudo isso é... é horrível! — gemeu o ancião, passeando pela sua biblioteca com uma

expressão transtornada, as pernas compridas vacilantes, a sua figura alta e delgada encurvada, dentro do terno negro abotoado. Suas palavras soavam fracas, apagadas, como viessem de muito longe. — Não pode existir correlação alguma entre ambos os casos. Setenta anos os separam um do outro. E agora... outras são as pessoas, outros os tempos...

— O senhor não. O senhor continua vivo. E sua senhora, e seu criado...

— Oh, Sidney... O velho e fiel Sidney... — sorriu, movendo a cabeça. — Mal consegue mover-se agora. Mas sua força de vontade supera, inclusive, sua artrite e o peso dos anos... Sim, creio que somente nós três sobrevivemos a tudo aquilo. Mas de que modo, meu amigo! Eu era um rapaz impulsivo e imaginativo, com menos de vinte anos então. Viveca... era uma criatura deliciosa, cheia de encantos, de vitalidade, de graça e entusiasmo pela vida. Inclusive superou um infeliz acidente, uma queda de cavalo em que feriu seu crânio... e voltou a ser a mesma de sempre, até o ponto de antecipar nossas núpcias, sem problemas para a sua saúde. Agora, aquele acidente antigo e tudo quanto sofreu posteriormente na vida... a tivessem afetado profundamente. Está intíapacitada, reclusa aqui para sempre, sem poder mover-se, aguardando apenas um final misericordioso. Minha pobre Viveca...

Ocultou o rosto entre as mãos angulosas, e Shylo achou que Sir Christopher não pudera conter as lágrimas, se é que aqueles olhos já não estavam secos de pranto há anos. A situação era penosa, e Shylo pigarreou, para dizer a seguir:



— Creio que, de qualquer modo, o melhor será que me retire agora, sir Christopher. Talvez tenha vindo importuná-lo com minhas perguntas. Não sou um policial, nem tenho por que me meter no que não me diz respeito. Para ser sincero, eu nem sequer sei ainda porque estou fazendo essas buscas. Talvez porque não me tenha agradado nada ver um homem morrer diante de meus olhos. Talvez porque, como disse alguém, existe alguma influência que não entendo, e que me leva a agir como venho agindo.

— Uma influência? — repetiu sir Christopher, estremecendo. — A que se refere?

— Não sei dizer-lhe — admitiu Harding. — Já lhe falei que se trata de algo que não compreendo bem..., mas que talvez exista. Não posso descobrir, o que Hakes não chegou jamais a esclarecer. Mas a morte desse advogado, na porta de meu quarto de hotel, é algo que afeta diretamente a mim. E quero saber por que, já que antes de vir a este país jamais ouvira falar dos Trevor, de Sterling Yates, ou de Terence Carter.

— E a segunda vez que o senhor menciona Terence Carter — disse com ar grave sir Christopher. — Por que ele o preocupa? Eu sempre disse que Carter era inocente. Mas o enforcaram. Não pude evitá-lo. E tampouco esse detetive que o senhor mencionou. A morte foi mais forte que ele. De outro modo, talvez tivesse chegado a descobrir a verdade.

— Sim, mas que morte ele teve, sir Christopher? Natural... ou provocada?

— Eu também desconfiei de algo assim na época. No entanto... não posso compreender que ocorresse algo de estranho. Ele estava hospedado aqui, nesta casa. Somente Viveca, eu, Sidney... sir Nigel, a criada e ninguém mais convivíamos com ele. sir Nigel era meu pai, e estava muito doente então. Quem iria querer fazer mal ao sr. Hakes?

— O Degolador, naturalmente — sugeriu Shylo, com frieza. Sir Christopher piscou, movendo a cabeça numa negativa. Conduziu Shylo até a porta da biblioteca, dizendo:

— Envenenamento não era estilo.

— Tampouco o era apunhalar alguém pelas costas, como foi feito com Yates.

— O senhor... o senhor insinua que Yates possa ter sido morto por alguém que vivia faz setenta anos? — disse o velho, dando mostras de espanto. — Agora ele seria um velho alquebrado, incapaz de mover-se... como Sidney ou como eu. Que pretende insinuar com tais suspeitas, sr. Harding?

— Somente o que penso: algo une ambos os casos. Não sei o que isso seja. Daí ter vindo aqui. Creio, como o senhor, que Carter era inocente. Uma neta dele também crê o mesmo, e está se empenhando em demonstrá-lo. Ela conhecia Yates, tenho certeza. Falou sobre mim, em Londres, e ele, por algum motivo que ignoro, veio me procurar. O assassino, para impedi-lo de revelar algo importante que ele sabia ou suspeitava, assassinou-o. Se Hakes pensava que a chave da identidade do Degolador estava aqui, em

Helmsey, eu desejo pensar como ele, no caso de Yates.

— É inteiramente livre de agir assim, mas creio que está equivocado. De qualquer modo, venha aqui esta noite para jantar. Considere-se convidado. Assim, conhecerá meu filho Peter, e também a minha esposa... Conversaremos então com mais calma. Posso contar com a sua presença?

— Sim, sir Christopher, Obrigado pelo convite. Aqui estarei, sem falta. Tudo quanto se refira a este lugar, me apaixona. Talvez esse misterioso impulso que me guia, me permita chegar de alguma forma até o fundo da questão. .

Tinham chegado ao hall amplo e suntuoso. Sir Christopher estreitou-lhe cordialmente a mão, conquanto houvesse um certo toque de tristeza e inquietude no fundo de seus olhos.

— Sidney vai acompanhá-lo até a porta principal — disse o velho lorde. — Não falte. Vamos esperá-lo para o jantar.

Shylo assentiu, olhando de soslaio, com vivo interesse, para Sidney Plummer, o velho e fiel servidor dos Trevor. Mais idoso ainda do que seu patrão, — uns cinco anos presumíveis a mais — cabelo quase ausente, branco, ralo, rosto apegaminhado, porte alto, magro, uma figura que se mantinha milagrosamente rígida, e um caminhar lento, fatigado, Sidney Plummer era como um espectro a mais num mundo de fantasmas e de sombras. Um mundo que já não parecia

existir realmente, salvo em algum velho diário, amarelecido pelo tempo, como o de Weston.

E, no entanto, tudo aquilo ainda estava vivo, tangível. Como um milagre esforçando-se por sobreviver, às margens dos sinistros pântanos do Yorkshire. De súbito, os olhos de Shylo foram fixar-se em algo mais além da espectral figura de Sidney. E enfocaram uma antiga panóplia na parede, entre a ampla escada e a passagem de acesso, envidraçada, para o jardim sóbrio e mal cuidado que circundava a mansão.

Uma panóplia com armas brancas antigas... em que faltava uma peça! Era possível notar-se o vão deixado no suporte de veludo roxo, delimitado por uma camada circundante de poeira. Uma arma fora retirada dali. E seu formato recortado pela camada de pó era o de uma adaga.

— Um momento — disse Shylo, parando. Indicou o painel de armas, perguntando: — Isto sempre esteve assim, Sidney?

Plummer girou a cabeça encanecida, procurando ver do que se tratava. Shylo observou que ele tinha que olhar bem de perto o painel em questão.

— Oh, refere-se à coleção de armas brancas! Que há de estranho com ela, senhor?

— Falta uma das armas. Uma adaga, ao que parece.

— Deveras? - Sidney Plummer demonstrou surpresa. Quase sobressaltado. Aproximou-se da parede, ergueu uma das mãos alongadas e ossudas e

tocou o vão no painel. Sua voz soou brusca então, revelando viva inquietação: — A adaga veneziana... Céus, onde pode estar?

— Na sede da Scotland Yard, meu amigo — disse Shylo, com ar paciente.

— Mas antes fora cravada nas costas de um homem.

Sim, ela sempre esteve aí, com as outras peças da coleção... até que alguém a retirou e a usou para matar, em Londres, certa pessoa que sabia demais...

E, alvo do olhar da expressão espantada pelos olhos macilentos e míopes do velho Plummer, meio surpreso e preocupado, Shylo Harding saiu de Trevor Mews, aonde deveria voltar à noite para o jantar familiar ao qual fora especialmente convidado...

Capítulo 7

Hazel Blackburn Weston contemplava a paisagem local através da vidraça da velha e sombria hospedaria nos arredores de Helmsey. O caminho era irregular, seguindo tortuosamente entre árvores altas e matagais espessos, na direção da temível região dos pântanos, a cuja borda se erguia Trevor Mews.

— Alguma coisa a preocupa, srta. Weston?

A moça girou lentamente a cabeça. Cruzou os braços e pareceu conter um estremecimento, sem muito sucesso. Cravou o olhar no fogo crepitante e vivo da lareira, e principalmente na figura alta do jovem americano, recortada contra as chamas.

— Sim — ela admitiu. — Estou preocupada com muitas coisas, Harding. Tenho motivos para tal, não acha?

— Certamente. Mas se é por Dennis que receia algo... eu devo dizer-lhe que naquela casa tudo parece normal. Ele está com seus tios. E estes se mostram tão idosos e inofensivos como o próprio Sidney, seu fiel

mordomo. Não me parece que ali, entre aquelas paredes, se oculte nenhum assassino aterrador, Hazel.

— No entanto..., você mencionou uma panóplia quando voltou de lá — ela suspirou. — E está convicto de que o espaço vazio deixado por uma arma dali retirada corresponde à adaga com que foi morto o advogado Yates, em Londres...

— Isso é certo. Mas Peter, o primo de Dennis, está em Londres no momento. Chega hoje ainda a Trevor Mews. Esteve semana passada na mansão, dias antes de que sir Christopher ditasse para Yates os termos de seu testamento. Testamento este que, por certo, será lido esta noite. Não deseja vir comigo a essa reunião familiar?

— Não fui convidada — replicou Hazel secamente. — Sir Christopher sabe que a noiva de seu sobrinho foi dançarina de números de burlesque no Soho, e que tirar a roupa no palco fazia parte de seu show... Não lhe importaria nada saber que sou neta de John F. Weston. Afinal de contas, parece que Weston já não somos o que éramos. Meu avô na certa se escandalizaria também, se me visse atuar despida num night-club do Soho, Harding.

— Acredito que sim — riu Shylo espontaneamente. — Não teria sido uma reação restrita aos Westons. Aquela era outra época. O puritanismo vitoriano era demasiado hipócrita para aceitar a sinceridade e o desenvoltura dos jovens da atualidade, minha cara amiga. Parece que, nesse aspecto, sir Christopher permanece ancorado no passado. Não se assemelha a um homem deste século.

— E não o é, de fato. Nem sequer quis me conhecer. Deserdará Dennis, se este persistir em noivar comigo. E nem vamos falar do que faria se soubesse que eu e Dennis já convivemos intimamente, sem necessidade de laços matrimoniais, que considero inteiramente defasados.

— Entendo — disse Shylo, pensativo. — Ele não tem por que saber, de qualquer modo, quem é você realmente, se for a esse jantar. Direi que é... minha secretária. Isso resolve a questão.

— Peter estará lá. É um rapaz muito pouco amável e excessivamente puritano, também. Mas é esperto e não estou certa de que já não me conheça...

— Poderíamos correr esse risco. Pressinto que vai ser uma reunião interessante.

— Sim, também acho o mesmo — olhou-o fixamente. — Se arriscaria realmente em me levar comigo? Se sir Christopher descobrir a verdade, nos expulsará aos dois de sua casa...

— Corremos o risco, juntos — sorriu Shylo. — Estamos combinados, Hazel. Esperemos que Dennis não se traia ao vê-la ali, assim de surpresa... Pode ir preparar-se para o grande jantar na mansão dos Trevors. Eu também usarei meu melhor terno de cerimônia. Não posso esquecer que, na Inglaterra, um jantar familiar é algo solene, que requer uma etiqueta rigorosa...

— Exato — assentiu Hazel, fitando-o com fixidez quando se encaminhava para seu quarto na hospedaria. — Sabe de uma coisa, Harding? Você

merecia ter nascido neste país, não nos Estados Unidos. Parece conhecer tão a fundo nosso modo de ser...

— Sim, eu mesmo também estou surpreso. É a primeira vez que visito a Inglaterra, a primeira em que vejo estes lugares., e é como se já os conhecesse.

— Céus! — Hazel continuava olhando-o do umbral do restaurante deserto, à exceção deles dois. — Será verdade... o que Eileen afirma sobre a reencarnação de certos seres, ou sua influência desde o além, sobre os seres vivos?

Afastou-se sem aguardar uma resposta à sua pergunta. Resposta que, possivelmente, não pensava sequer que Shylo possuísse.

E assim parecia ser. Shylo deu alguns passos pela sala, mergulhado em suas reflexões. As chamas da lareira projetavam-lhe a sombra, com grandes dimensões, recortando-se entre as paredes e o teto. E, coisa singular, era um perfil seu, mas que às vezes parecia possuir uma vida alheia por completo a seu próprio corpo sólido e vivo.

Fez soar a sineta posta sobre uma mesa. Alguém entrou, e uma voz cheia soou:

— Souvenirs de Yorkshire, senhores... Quem compra minha mercadoria? Postais, objetos artesanais, gravuras, tudo quanto desejem, por umas poucas moedas... Levine, o mascate, lhes oferece tudo quanto desejem... Tudo a preço baixo, senhores. Eh! Não há ninguém por aqui?

— Vamos, vamos, Levine, deixem-nos em paz — disse alguém com voz possante, ao fundo da sala. — Não tenho senão dois hóspedes no momento, e não creio que nenhum deles tenha interesse por suas bugigangas... Mas se quer uma cerveja, aproxime-se que eu o servirei.

Shylo caminhou até o umbral da ampla porta envidraçada que comunicava o refeitório com o pequeno bar e a portaria. Um vendedor ambulante com sua indefectível caixa de pequenas mercadorias, pendurada do pescoço por uma larga faixa de couro, acercava-se rapidamente do balcão do bar, tateando o caminho com seu bastão branco antes de dar cada passo. Evidentemente era cego. E de idade bastante avançada, sem dúvida alguma, em que pesasse sua curiosa agilidade de movimentos.

— Obrigado, Fox. Sempre se mostra amável com as pessoas como eu. Deus o abençoe por isso, amigo. Você se parece tanto com seu pai, apesar do pouco que eu ainda consigo me lembrar dele...

Shylo franziu a testa. Velhas recordações de um relato ainda mais antigo, assinado por um tal Weston, acudiram-lhe à mente naquele momento. Quase se esquecera daquele manuscrito, mergulhado como estava no desenrolar inquietante dos últimos acontecimentos.

Rodney Fox, o hospedeiro de 1897, em Helmsey... Morto próximo de sua carreta, num dos pântanos da região, justamente no dia em que Hakes fora envenenado. E este tinha falado antes com ele...

Muito poucas horas antes, certamente. Ambos os fatos teriam, então, se relacionado⁷

Fitou Arthur Fox, o corpulento neto do falecido Rodney Fox. Um homem vigoroso, jovial, um cinqüentão firme e bem conservado. Depois, observou o mascate cego. Levine... Recordou o outro mascate já velho e de igual nome, que se fazia acompanhar de um menino, cego também como ele... Evocou a inquietante frase do mascate daquela antiga época: um monstro sedento de sangue passara um dia perto dele, roçara-o, afastando-se sem fazer-lhe mal, junto ao pântano... Levine havia intuído aquela presença, com essa rara percepção dos videntes. E tal fato ocorrera há setenta e três anos.

Shylo surgiu de repente no bar. Até ali estivera oculto das vistas de Fox. Este o olhou surpreso. Levine girou a cabeça. Uns olhos mortos, invisíveis por trás de lentes negras, pareceram enquadrar Shylo desde um mundo de sombras onde não existiam luzes nem formas.

— Oh, estava aí, sr. Harding? — exclamou, em tom jovial, o dono da hospedaria. — Suponho que não tenha interesse em adquirir alguma lembrancinha de Yorkshire. Se quer ver o que traz o Levine...

— Sim, obrigado. — Harding parou diante do vendedor ambulante. Escolheu algo ao acaso, uma maquete feita de madeira antiga. Era uma espécie de pequena casa de brinquedo, uma miniatura onde não faltava o esboço de árvores. Aquela casa lhe pareceu familiar. — Fico com isto... Uma miniatura muito bem feita... pitoresca.

Levine pareceu estremecer. Não precisava enxergar para saber o que Harding escolhera.

— Isto... isto é uma miniatura da mansão dos Trevor, senhor — disse o vendedor ambulante com voz rouca.

— Eu sei — Shylo sorriu. — Estive lá ainda hoje.

— Céus! — e o cego Levine assustou-se. — O senhor visitou a casa do... monstro?

— Levine — repreendeu secamente Fox, — já chega. Este cavalheiro é americano. Não tem interesse em nossas lendas e falatórios, eu lhe asseguro...

— Me desculpe. Vale dois xelins — disse Levine referindo-se à delicada miniatura.

— Bem — Shylo examinou a miniatura, apreciou as árvores, a cerca viva. Era uma reprodução perfeita. — Eu lhe darei por isto cinco libras, Levine. Fará um bom efeito, como lembrança daqui, em minha casa de Nova Iorque...

— Cinco libras! — Levine ficou boquiaberto. — Céus, senhor... Isto é que vale toda a minha mercadoria... incluindo o tabuleiro.

Shylo depôs a cédula na mão de Levine. Fox franziu a testa, olhando com surpresa o jovem americano. Era evidente que não entendia nada de tudo aquilo. Shylo, porém, sem lhe fazer caso, perguntou a Levine:

— Presumo que o senhor é o filho de outro Levine, um mascate cego que andava por aqui em tempos já distantes... quando o Degolador atemorizava esta região.

O efeito de suas palavras foi impressionante. Arthur Fox ficou intensamente pálido e olhou Harding como a sua aparição. Levine deu um passo atrás, cambaleante, e soltou uma exclamação de espanto. Sua caixa de souvenirs esteve a ponto de revirar.

— Meu Deus... Quem... quem é o senhor? — perguntou Levine, com voz trêmula.

— Sim, quem é afinal para saber tantas coisas? — disse Arthur Fox, surpreso e olhando para o outro de modo diferente de até então.

— Sei mais ainda, Fox — disse Shylo fitando o hoteleiro, com ar tranqüilizador. — Um homem esteve aqui faz agora mais de setenta anos e conversou com seu avô, Fox. Pouco depois, Rodney Fox aparecia morto, afogado no pantanal. E o tal homem, envenenado misteriosamente, era removido para Londres, onde viria a falecer...

— Shelby Hakes... — murmurou Arthur, em tom angustiado. — Céus!... Meu pai tinha então somente cinco anos...

— E eu tinha oito na mesma época, Arthur — murmurou Levine, ainda trêmulo. — Mas posso recordar tudo como em um sonho... Estava aqui, com meu pai, quando... , quando aquele homem de Londres, o Sr. Hakes... falou com Rodney, seu avô.

— O senhor estava aqui — murmurou Shylo, acercando-se mais do vendedor ambulante. — Trate de se lembrar, amigo. Haverá outra nota de cinco libras para você, se me ajudar. Puxe pela memória... Posso dar-lhe até... cinqüenta libras, caso se recorde de que

falaram Rodney Fox e Shelby Hakes naquele dia distante...

— Se essa conversa provocou a morte de meu avô, Levine... lembre-se, por Deus! — insistiu então Fox, fitando o mascate. Procure lembrar-se de algo...

— Não sei... É tão difícil... tão distante no tempo... — Levine fez um poderoso esforço de concentração. — Além do mais, o sr. Yates também estava muito interessado nisso.

— Yates? — Shylo pareceu ser sacudido por uma descarga elétrica. — O advogado dos Trevor lhe perguntou algo sobre essa história? Quando?

— Oh, faz uns poucos dias. Semana passada. Não pude recordar grande coisa. Estive pensando e repensando no assunto, procurando encontrar algo que estava perdido em minha memória, algo subconsciente, sem dúvida...

— Sterling Yates foi morto em Londres. Assassinado — informou friamente Harding. — Percebe, Levine? É preciso que eu saiba o que o senhor pode se recordar! Talvez, se calar-se, o senhor é que correrá perigo futuramente!

— Perigo... — repetiu Fox. — Mas o Degolador já não pode estar vivo, sr. Harding! Faz mais de setenta anos que tudo aquilo ocorreu!

— E por alguma razão misteriosa, o antigo horror voltou à cena, amigo Fox — atalhou Shylo, taxativo. — Voltou-se para o atemorizado Levine, perguntando-lhe: — Que disse, exatamente, a Yates?

— O pouco que consegui recordar... O homem de Londres esteve aqui falando com Rodney Fox acerca da família Trevor. sobre detalhes da mansão, hábitos de seus moradores... E se interessou bastante pelas visitas feitas pelo dr. George Stuart, que era, então, o médico da família, à residência dos Trevor.

— Isso tem certa explicação -- observou Arthur Fox. — O dr. Stuart tinha fama de contador de vantagens quando aparecia aqui para beber uns goles. Meu pai me contou isso... Stuart era um bom médico, mas algo imprudente quando bebia uns goles além da conta.

— Era o médico da região de Helmsey? — indagou Shylo.

— Sim. Além disso, trabalhara como especialista, em Londres. No Hospital de Charing Cross, eu creio. Era um psiquiatra. A bebida o fez perder seu posto no hospital e aí veio refugiar-se num lugar isolado como este. Mas era um excelente médico, não há dúvida.

- Só isso interessou ao sr. Hakes, Levine?

— Que eu me lembrasse então, quando o sr. Yates me interrogou... sim.

— Isso quer dizer que agora... lembra-se de algo mais sobre aquela conversa? — perguntou Shylo, evidentemente tenso. E colocou nas mãos do mascate outras duas notas de cinco libras.

— Sim, sim... — murmurou agitado o vendedor ambulante, apertando com os dedos ossudos aquelas

cédulas, que, talvez em muitos anos nunca chegara a tê-las juntas assim. — É algo sem sentido, mas. .

— Não importa o que seja. Fale, amigo. Pode ser a chave para se evitar algo muito grave...

— Bem... Talvez seja muito menos do que o senhor imagina... O cavalheiro de Londres... queria saber se o dr. Stuart mencionara alguma vez... a quem visitava com relação a uma enfermidade mental. Em suma: se havia algum louco em Trevor Mews.

Shylo Harding alçou as sobrancelhas. Seu corpo estava tenso quando ele indagou:

— E qual foi a resposta de Rodney Fox?

— O avô de Arthur lhe disse que julgava ter ouvido falar sobre esse assunto certo dia. quando estava muito cheio de bebida... Mas era algo tão delicado que preferia abordar isso mais tarde, a sós com o sr. Hakes, após fechar o bar.

— Compreendo — murmurou Shylo, com ar desalentado e inclinando a cabeça. — Essa conversa confidencial nunca chegou a ser realizada. Rodney Fox fora morto por afogamento no pântano... e o sr. Hakes envenenado por alguma droga pouco conhecida, e que o levou à morte... O assassino soubera agir com muita presteza...

Arthur Fox fitou Shylo. atônito. Levine já guardava as notas de cinco libras com mãos trêmulas, quase duvidando de que ganhara aquele dinheiro todo. Harding acercou-se, taciturno, da escada que levava ao andar de cima.

Mas disse bruscamente, em voz alta:

— De qualquer modo, eu lhe agradeço por suas informações, amigo Levine. Esta noite voltarei à mansão Trevor. Talvez descubra por mim mesmo quem é a pessoa daquela casa que foi tratada pelo dr. Stuart de uma doença mental que os Trevor sempre procuraram ocultar...

E sem mais nada acrescentar, subiu a escada apressado, para se vestir convenientemente a fim de fazer sua visita noturna à sombria mansão dos Trevor, não longe dos pântanos assustadores.

O que nem Shylo e nem Fox tinham podido perceber, fora a presença de alguém mais. Um vulto furtivo, lá fora, colado ao muro da hospedaria, e que agora se afastara silenciosamente, até mergulhar na penumbra do anoitecer, de regresso aos pântanos.

Somente Levine, o mascate cego, com seu raro instinto, girou a cabeça e ficou de frente para a porta de vidro dos fundos do bar, onde até a curtos instantes uma figura humana agachada, estivera escutando o diálogo travado ali dentro.

Levine esteve a ponto de comentar algo. Mas, mordeu o lábio inferior e se disse qualquer coisa, após beber sua cerveja e dirigir-se à porta de saída. Arthur Fox ficou pensativo e com ar preocupado, atrás do balcão do bar.

" Talvez imaginasse que alguém nos ouvia... Afinal de contas eu não contei tudo... Não disse a esse forasteiro que eu sei quem é a pessoa que ficou louca em Trevor Mews... Ademais, que importância isso pode ter?, pensou Levine.

Não havia nenhum táxi no ponto. Shylo e Hazel aguardaram inutilmente uns dez minutos, esperando ver passar algum veículo. E então, Hazel decidiu:

— Que tal irmos a pé, Harding? A casa não fica tão longe assim daqui.

— É um caminho ruim, principalmente à noite. Não no primeiro trecho, mas sim quando se inicia a zona pantanosa — alertou Shylo, pensativo.

— Chegaremos tarde para o jantar se continuarmos esperando aqui, não acha?

— Sim, é possível que tenha razão. Vamos indo. Em menos de quinze minutos teremos chegado a Trevor Mews. Por sorte, estou com uma pequena lanterna no bolso. Claro que é de duração reduzida, mas nos servirá nos trechos mais escuros. Não sente medo?

— Medo? — Hazel riu baixinho. — Não, em absoluto. Vamos, Harding. A seu lado, me sinto segura.

Começaram a caminhar, com Hazel segurando o braço de Shylo. Este sorriu. Talvez ela não sentisse medo, senão simples apreensão. E não poderia censurá-la por isso.

Dentro em pouco, deixavam para trás as luzes do povoado e as últimas e poucas casas. A neblina era densa no lado norte, na direção dos pântanos. O ar parecia saturado de umidade. Não se via viva alma naquelas paragens.

Seguindo por atalhos que iam desembocar num trecho salpicado de arbustos e velhas ruínas, Shylo sentiu sob seus pés a maciez excessiva do terreno.

Como se o solo se tornasse pegajoso, e a qualquer momento viesse a se converter em areia movediça tragando-o e à Hazel. A sensação de viscosidade só fazia intensificar-se a cada passo.

Teve necessidade de acender sua lanterna em certo momento. O delgado filete de luz iluminou o caminho irregular, agora deslizando encosta abaixo entre arvoredos sombrios. Ruídos estranhos e estalidos povoavam a noite, como se invisíveis e atrozes criaturas dos pântanos reinassem no cenário noturno sombrio daquela inóspita região.

Shylo captou a pressão cada vez mais acentuada dos dedos de Hazel sobre seu braço, e também a respiração algo entrecortada da moça.

— Assustada? — perguntou, meio irônico, de repente.

^— Um pouco, admito — ela sussurrou, com sinceridade. Ainda falta muito?

— Coisa de cinco minutos mais ou menos... se apertarmos um pouco o passo. Não tema ao pisar, Hazel, apesar da brandura do terreno. Não há pântanos por aqui.

— Eu sei. Ainda assim, nunca me sinto segura de nada em lugares assim.

— Nem eu — confessou Shylo, rindo de leve. — Quando existia o tal Degolador, isto aqui devia parecer bastante aterrador. Inclusive agora, seja quem for que..

Um grito longo e horrível veio interromper Shylo. Um grito estremecedor, que parecia condensar todo o

terror e a angústia deste mundo. Um grito desesperado de mulher que se defrontava com uma morte atroz...

— Eileen! — exclamou Hazel. — Sim, é a voz de Eileen Carter!

— E vem daquele matagal — - disse Shylo enfocando o maciço de arbustos com sua lanterna. — Fique aqui, Hazel! Vou ver o que há.

— Não, Harding, não vá! Pode ser fatal!

Mas Shylo já corria para o trecho onde soara o grito. Meteu-se por entre as ramagens e toiceiras. O grito foi repetido, mais próximo agora. Ouviu ruído de galhos estalando, sons roucos...

E, de repente, emergiu uma sombra monstruosa. Bem em frente de Harding. E este, auxiliado pela luz da lanterna, viu uma figura de aspecto demoníaco, envolta numa espécie de capa larga, negra. Um objeto metálico cintilou, e foi brandido pelo vulto.

Rapidamente, Shylo saltou para trás. Muito a tempo, pois duas pontas afiadas, de metal brilhante, roçaram seu pescoço e orelhas, superficialmente. Mas algumas gotas de sangue quente escorreram-lhe pelo rosto. Se não fosse seu rápido recuo, aquela arma teria se cravado em seu pescoço, praticamente degolando-o.

Ao recuar bruscamente, Shylo tropeçou numas raízes e caiu de costas. A figura sinistra, percebendo isso, moveu-se para a frente. Sem perda de tempo, Shylo esticou uma das mãos e agarrou uma pedra que o foco luminoso da lanterna lhe revelara segundos

atrás. E lançou com força a pedra contra o misterioso agressor.

Ouviu-se um impacto surdo, um gemido... e a arma escapou da mão do assassino. Com um grunhido rouco, mesclado de decepção e ira, o indivíduo escapou com rapidez, desaparecendo entre as árvores, protegido pela escuridão.

Shylo ergueu-se, ainda aturdido. Apalpou o pescoço e a orelha direita. O sangue gotejava, mas a ferida não era profunda, conquanto dolorosa. Recuperou sua lanterna e enfocou o chão úmido. Descobriu então um trinchador de carne, com as pontas ainda tintas de sangue.

Logo a seguir, encontrava entre os arbustos a pessoa que gritara há instantes atrás. Era Eileen Carter, realmente. Tinha o rosto bonito, intensamente pálido. E estava imóvel no solo.

Atrás de Shylo alguém deu um gritinho. Era Hazel Weston.

Capítulo 8

Mas felizmente Eileen não estava morta, como a princípio Shylo supusera. Ela se pôs a gemer e gritar de repente. Não chegara a ser ferida realmente pelo misterioso agressor. Estava somente aturdida, e quase histérica devido ao transe por que passara.

— Acalme-se, Hazel — exclamou Shylo, esquecendo-se de seu ferimento para atender às duas moças. — O nosso homem escapou. E felizmente Eileen está ilesa. Para gritar como o faz, deve estar bem...

Inclinou-se e ajudou Eileen a levantar-se. Entoeou-lharam-se à luz fraca da lanterna. Era a primeira vez que se encontravam, depois daquele curto contato no museu da Baker Street, 221. Mas as circunstâncias agora eram muito diferentes.

— Harding... — murmurou Eileen, aturdida ainda, mas aliviada. Apoiou-se no rapaz com força. — Deus seja louvado, você apareceu a tempo... Está na pista certa, como eu...

— Tão na pista, que estive a ponto de ser vítima do Degolador. Vejam essa arma que está no chão.

Pode ser a mesma mencionada por seu avô no diário, Hazel?

Hazel observou a arma. Era enfocada pela luz da lanterna acesa por Shylo. Hazel inclinou-se e recolheu a arma cuidadosamente usando um lenço para não deixar impressões digitais na mesma. Assentiu com um gesto de cabeça.

— E tem as iniciais dos Trevor no cabo, veja..

— Já imaginava, srta. Carter, pode explicar-nos o motivo de sua presença aqui nesta ocasião?

— Já deve calcular -- murmurou Eileen fracamente.....- Pelo rádio, eu tomei conhecimento da morte de Sterling Yates. Foi culpa minha. Já lhe contei que queria provar a inocência de meu avô e que havia um homem em Londres que poderia me auxiliar, que se parecia com...

— Já sei o que vai dizer — atalhou Shylo, brusco. — Conheço suas idéias sobre reencarnações, influências do além, espiritismo, parapsicologia... Mas se enganou comi- go. Sou apenas Shylo Harding, um americano demasiado curioso, que quer saber o que está ocorrendo. De qualquer modo, não me referia a isso. Sei que Yates queria me ver porque, influenciado pelas suas palavras; Eileen, ele tinha pensado em me informar de certos fatos. E alguém que o vigiava evitou tal entrevista, assassinando-o. O que me interessa saber é o que faz você aqui agora..., por que gritou e quem era a pessoa que me agrediu, pronto para me assassinar ao estilo do antigo Degolador.

— Meu Deus. se eu pudesse responder a isso! — ela exclamou, soltando um longo suspiro. — Eu gritei porque vi aquela sombra humana no bosque, avançando para mim... Suponho que era um assassino, o mesmo que cravou a adaga nas costas do sr. Yates... Quanto a minha presença aqui, não deveria causar-lhe estranheza, sr. Harding. A inocência de meu avô tem que ser provada aqui... porque aqui está o autêntico monstro do pântano! A verdade está oculta em Trevor Mews. poderia jurar.

— Sim eu também. Mas talvez não seja a mesma verdade que a senhorita imagina... — Harding passou um lenço em volta de seu pescoço, ferido de raspão. — Além do mais, perambulando por estas paragens a única coisa que conseguirá será cruzar com o criminoso, e converter-se em sua vítima. Por que não enfrenta os fatos abertamente... na própria mansão dos Trevor?

— Mas... de que forma?

— Muito simples -- sorriu Harding. — Venha comi- go. Serão duas as mulheres que, sem serem convidadas, eu levarei esta noite à casa dos Trevor. Você, Eileen, passará, digamos... por minha namorada. Que acha?

E se pôs a caminhar rumo a Trevor Mews. As duas moças, sem hesitar, apressaram-se a acompanhá-lo.

* * *

>

O velho e moroso Sidney Plummer contemplou com espanto os visitantes, antes de anunciar-lhes a presença ao dono da casa. Era óbvio que ele não esperava o retorno do hóspede em companhia de duas bonitas jovens.

Sir Christopher ouviu o que lhe cochichou o mordomo, e se encaminhou para os recém-chegados, com igual expressão de surpresa ao fitar as duas moças. Shylo fez as apresentações sem deixar de observar o rosto de sir Christopher. Aparentemente, este não desconfiava da verdadeira identidade de nenhuma das duas. Mas só aparentemente, ousou pensar Shylo, desconfiado, ante o brilho de astúcia e prevenção dos olhos de sir Christopher, por trás das lentes de seus óculos de aro dourado.

— E um prazer conhecê-las, senhoritas — disse ele, finalmente, inclinando-se diante das duas moças. Voltou-se para Plummer: — Sidney, dois pratos a mais, por favor. E anuncie o jantar para os outros. Já se faz tarde, por causa do atraso da chegada do sr. Harding...

O mordomo assentiu, silencioso, saindo da biblioteca onde fizera entrar os recém-chegados. Shylo se apressou a justificar sua demora em chegar à mansão.

— Deve desculpar-me por esse atraso, sir Christopher. Não conseguimos um táxi. E, além disso, veja o lenço em volta de meu pescoço. Não o pus aí para me proteger do frio ou da umidade, mas sim para ocultar o corte na minha garganta.

— Corte na sua garganta? — sobressaltou-se sir Christopher. — Que significa? .

— Veja — e Shylo retirou bruscamente o lenço do pescoço, revelando o ferimento. — Fui atacado no bosque. O agressor estava usando uma capa negra ou algo assim. Usou uma arma especial para me atacar. E se não me esquivasse a tempo, com rapidez, agora estaria morto, degolado, como ocorreu, no passado, a outras pessoas, incluindo Judy Kane, sua antiga criada.

— Mas... mas isso é impossível! — murmurou o ancião, muito pálido, com uma expressão de autêntico horror. — O Degolador não pode estar vivo ainda.

— Mas há outro, pelo menos — disse Shylo secamente. — E parece que este lugar volta a ser o cenário de suas proezas, como em outros tempos.

— Compreendo o que está sugerindo — disse tristemente o velho, abaixando a cabeça. — E minha casa volta a ser o possível lar do monstro...

— Não sei — admitiu Shylo, olhando-o com naturalidade — Só conheço o senhor e seu velho mordomo..., afora seu sobrinho Dennis. Mas imagine que tampouco os outros moradores desta casa poderão ser classificados como suspeitos.

— Claro que não — murmurou sir Christopher, com amargura. — Tudo isto é como uma maldição. Cheguei a pensar que... nem sequer esse assassino é » real, humano...

— Não? A arma usada é bastante real — e Shylo retirou do bolso o trinchador, que depositou na mesa,

ante sir Christopher. — O senhor o identifica, por acaso?

Sir Christopher estava indo de sobressalto em sobressalto. Olhou horrorizado o garfo de trincar carne, com as manchas de sangue seco nas pontas afiadas. Depois, contemplou o pescoço ferido de Harding. Estremeceu e indicou a porta dos fundos.

— Venham comigo, eu lhes peço. Vão conhecer minha esposa e meu filho. Sr. Harding, são os únicos membros da família que lhe falta conhecer., e nenhum deles pode ser quem usou este objeto de trincar carne, que pertence a esta casa, sem dúvida. O assunto não tem sentido nenhum. Nunca teve. Agora, menos do que nunca. Por aqui. por favor... Não será um jantar alegre... mas a culpa não será minha. Talvez somente de um fantasma...

Logo estavam entrando na sala de jantar.

Dennis surpreendeu-se ao ver Hazel, mas a expressão desta e o olhar significativo de Harding contiveram seu intento de chamá-la pelo nome. Outro homem, moço e alto, ergueu-se ao vê-los entrar.

Somente Lady Viveca Trevor permaneceu, naturalmente, em seu assento à cabeceira da mesa oval. Obviamente não podia mover-se. Uma enfermidade antiga a mantinha presa à sua cadeira de rodas. Mas além disso, seu rosto era uma máscara inexpressiva, que revelava ausência total de emoções, como se somente estivesse ali seu corpo, porém nada de sua mente nem de seu espírito.

Mas, apesar disso, seus olhos, intensamente azuis e grandes, possuíam um brilho bem no fundo, que parecia por vezes tentar lutar contra a opacidade de seu olhar ausente, vazio. Em outra época fora uma mulher bonita, cheia de vida, ativa. Agora, era uma velha senhora, de cabelos brancos, mente perdida e corpo paralizado. Uma suave anciã, que causava dor e tristeza quando era contemplada.

Sir Christopher fez as apresentações. Shylo beijou a mão fria, cheia de jóias e pálida, a de Lady Viveca. Depois, estreitou os dedos rudes de Peter Trevor. Terminadas as apresentações, Peter voltou-se de repente para Hazel Weston, soltou uma risada insolente, cínica e disse o que Shylo e a moça tanto temiam:

— Ora, ora, srta. Blackburn, por que procura ocultar-nos que é a bonita pequena que se despia num palco no Soho todas as noites, e que agora vive com meu primo Dennis sem estar casada com ele?

Após esse triste procedimento de Peter Trevor, e de sua insolência maldosamente expressa. Hazel empalideceu vivamente. Eileen sentiu-se chocada e Dennis deu um salto na cadeira, vociferando:

— Peter, seu bastardo, seu patife, maldita seja toda a sua estirpe miserável! Vai pagar por suas injúrias ajoe- lhando-se diante dela antes que eu lhe arranque a pele!

— Dennis! — exclamou sir Christopher, indignado. — Eu lhe proíbo semelhantes expressões e atitude! É verdade que essa mulher é a mesma que se

exibia despidoradamente em público, e com quem você dizia que ia se casar? É certo que vive com ela?

— Sim, tio Ghri! E me importa muito pouco que me deserde ou que me expulsa agora mesmo de sua maldita casa. Esse tipo asqueroso, essa miséria humana que tem como filho, é muito pior do que eu. Isso porque eu sei por que ele fala assim de Hazel ou de outras mulheres. Afinal, é um invertido!

A situação era tensa, constrangedora. Shylo se disse que a única pessoa naquela sala que se mostrava impassível, como distante de tudo, era Viveca Trevor.

Peter Trevor quis agredir o primo, ao sentir-se tão gravemente insultado. Sir Christopher se interpôs, quando Shylo já tencionava intervir, exclamando, muito chocado e com as mãos trêmulas: — Um momento! Não tolero isto nem um momento mais. Quando o jantar estiver terminado, e tenha falado com todos os membros de minha família, a senhorita deixará esta casa na companhia do meu sobrinho.

— Não se preocupe Eu vou sair agora — espetou Hazel.

— A srta. Weston veio comigo, não com Dennis — disse Shylo, com firmeza. — Não pode sair daqui sozinha, porque um assassino anda às soltas aí fora. Se ela se for, eu a acompanharei, não interessa o que os outros decidam. Creio que todos devem se acalmar. Quando terminar o jantar, iremos embora, Hazel. Que me diz, sir Christopher?

— Estou de acordo com o senhor. Não disse que ela sairia agora. Tampouco havia terminado de falar. Quando for o momento, você também deverá ir embora, Peter.

— Mas papai..

— Você irá de uma vez! — bradou com energia seu pai. — Certo?

Peter Trevor baixou a cabeça. Suas mãos e lábios tremiam.

— Bem, senhores, não toquemos mais no assunto. Vamos jantar Saibamos nos comportar civilizadamente pelo menos, por uma hora.

Todos sentaram-se em silêncio. Hazele Dennis trocaram um olhar onde se lia certa firmeza e ternura. Eileen ficou olhando para Harding, e murmurou, ao sentar-se: — Eu também teria ido com você e Hazel. Não tornaria à andar sozinha por estes lugares, por nada deste mundo. Sobretudo depois de saber como são os Trevor.,.

Shylo sorriu, sem comentar nada, e se sentou também. Junto a seu prato estava um cartão com seu nome, escrito à mão com letra meticulosa. De repente sentiu-se observado. Voltou a cabeça, mas não havia ninguém a suas costas. Entretanto sentia como que um formigamento na nuca.

Sidney Plummer começara a servir a refeição.

Shylo fitou mais uma vez o rosto suave e os olhos opacos inexpressivos de Lady Viveca. Seria imaginação sua ou no fundo daqueles olhos azuis surgia um leve brilho de reconhecimento? Talvez um vago

temor por algo que lhe recordasse um passado de terror, angústia e incerteza? Atrás de Shylo, na parede de madeira desenhava-se o seu próprio perfil, sua sombra. E que em muito lembrava a do falecido Hakes...

De repente as luzes da mansão se apagaram em sua totalidade. A sala de jantar mergulhou na escuridão. E quase simultaneamente um grito de terror, feminino, ecoou ali dentro.

Harding poderia jurar que aquele grito apavorante partira da outra ponta da mesa. Mais exatamente dos lábios da habitualmente impassível e muda Lady Viveca Trevor.

Então soou outro grito, dessa vez vindo de algum trecho do grande jardim da mansão dos Trevor. Mas esse era um grito aterrador e cheio de agonia. O grito de alguém que encontrara a morte de modo violento e cruel.

Capítulo 9

Na sala de jantar da mansão soaram exclamações abafadas, murmúrios de temor, ruído de cadeiras sendo movidas.

— Sidney! Traga algo que seja para iluminar esta sala! Um candeeiro, uma vela. o que seja! Vamos!

Ninguém parecia ouvir a voz alterada de sir Christopher. E assim era de se supor que Sidney Plummer custaria a aparecer, com seu passo lento, sua artrite crônica e o peso da idade avançada.

Harding saltara da cadeira. Alguém atrás dele conseguiu riscar um fósforo. A tênue claridade permitiu que nos vidros da grande porta-janela se refletisse uma cena difusa, de pesadelo. Rostos e corpos trêmulos, encolhidos em torno da grande mesa, todos muito pálidos e expectantes.

— Harding! — gritou Dennis, por fim. — Aonde vai agora? Não seja louco, não se arrisque indo aí fora!

— Não, Harding! — pediu Eileen Carter, apurando-se na cadeira. — Não corra esse risco. Estou segura de que o assassino anda por entre os

arbustos... e talvez já tenha feito outra vítima! Lembre-se do que houve quando vínhamos para cá...

— Me recordo muito bem — disse Shylo alcançando a porta de vidro e abrindo-a. — Mas não podemos permanecer aqui, de braços cruzados, enquanto a vida de outra pessoa está em perigo. Pressinto que desta vez o assassino está bem perto daqui. E não terá a mesma sorte das outras vezes.

Então, para espanto de todos na sala, uma pessoa até ali imersa em mudez, falou. E Harding pôde se certificar de que suas suspeitas de instantes atrás eram fundadas. De que, realmente, o grito de temor antes que as luzes se apagassem, brotara dos lábios de Lady Viveca Trevor. Os mesmos lábios que agora se descerravam para deixar escapar palavras que provocaram sobressalto e incredulidade:

— Vão... vão todos... Já é hora de que esse monstro... deixe de existir. Dêem-lhe caça. Destruam-no, por amor de Deus! E que a paz alcance para sempre a vida dos Trevor...

Sir Christopher, terrivelmente pálido, contemplou sua mulher sem dar crédito ao que acabara de ouvir. Só conseguiu murmurar, enquanto os outros se punham em movimento:

— Viveca..., Viveca querida... Você voltou a falar... Recuperou a voz! Deus seja louvado, Viveca, minha amada esposa...

— Vá, querido — retrucou Viveca, serenamente. — Não é tempo para falar agora. Esse moço... esse

moço tão valente pode estar correndo algum sério perigo...

Como se fosse uma confirmação de suas palavras, lá fora ecoou um grito rouco, penetrante. Depois mais outro, mais agudo, cheio de um terror imenso.

— Esse grito vem dos pântanos! — exclamou Dennis, pálido.

— Céus! Talvez seja Shylo!... — disse Eileen, com uma expressão angustiada. — Vamos, vamos logo até lá!

E os três jovens precipitaram-se para o grande jardim imerso em sombras.

* * *

Shylo encontrara logo a vítima do misterioso assassino. A luz fraca da lanterna revelou a presença de um corpo caído entre duas árvores seculares. O sangue jorrava do pescoço do morto. O ferimento fora profundo. Uma incisão funda de orelha a orelha.

— Levine... — murmurou Shylo ao reconhecer o morto.

Contemplou com pesar o rosto contorcido, os olhos desorbitados e os lábios fortemente crispados do mascate cego. Inclinou-se sobre o corpo e balbuciou algumas palavras.

— Pobre homem... Seu único "delito" foi ter ouvido algo dito por alguém no passado... Talvez tenha se lembrado de mais detalhes e alguém temia que estes fossem revelados.

Foi um assomo de intuição, um puro reflexo instintivo o que salvou então a vida de Shylo Harding. Porque antes que uma arma já ensangüentada se aproximasse de sua nuca, para nela fincar-se de forma fatal, ele teve a impressão exata de que havia alguém atrás de si. Assim, girou o corpo com rapidez e deu um salto para o lado. Ouviu-se um grito rouco na escuridão. Uma sombra monstruosa moveu-se de repente também. Um objeto metálico cintilou.

Shylo esquivou-se de novo e, com o impulso que levava, o atacante misterioso cambaleou e a lâmina foi cravar-se num tronco de árvore com força.

•O outro soltou um grunhido de frustração e ódio e tratou de escapar por entre as folhagens densas. Vestia a mesma capa negra, flutuante. Algo familiar revelou-se em seus movimentos, em sua figura estranha, mas Shylo não pôde concretizar suas desconfianças. Isso porque, se algo o fazia reconhecer aquele criminoso, algo mais lhe dizia que não podia ser quem estava imaginando.

Aprumou-se e saiu em perseguição ao vulto que se perdia entre as árvores do bosque. Mais adiante, Shylo acendeu a lanterna e enfocou o caminho. Aí viu o assassino. Este se achava agora perto de um trecho de terreno salpicado de arbustos e tortuosos atalhos. A bruma dos pântanos se erguia ao fundo.

Shylo compreendeu porque o outro se detivera de repente. Devia ter compreendido que a fuga lhe fora interceptada. Mais à frente estava um trecho de areia movediça.

— Entregue-se! — gritou Shylo. — Não pode ir mais adiante. Tudo terminou para você. Creio saber agora quem é... e por que tem agido assim. Não vale a pena prosseguir. Que o pobre mascate Levine tenha sido sua derradeira vítima. Sua idéia é uma loucura total. Já não lhe servirá de nada. Eu sei a verdade. Ou melhor, a intuí esta noite. Agora estou convicto disso. Não arrisque sua vida inutilmente.

— Sim, eu sei... Mas ninguém irá me levar preso. Não morrerei num presídio, nem terei a infelicidade de ver por terra tudo quanto quis manter erguido! Esta será minha última vitória. Harding!

E, sem vacilação, precipitou-se no pântano.

Shylo avançou com grande dificuldade pois o solo era mole e pegajoso como gema. Ainda pôde chegar à borda do pântano, mas aí viu aquele vulto envolto na capa escura ir afundando inapelavelmente no pântano. Não havia mais como ajudá-lo.

— Shylo! Responda, por amor de Deus! — gritaram então.

Mas ele não respondeu. Estava olhando fixamente para o pântano. Agora só se via parte do rostoe uma das mãos crispada do homem que preferia a morte a entregar-se. Shylo enfocou-lhe o rosto com a lanterna.

— Que Deus., me perdoe. Eu fiz tudo isso porque. . julgava ser o mais certo... — balbuciou o assassino antes de afundar de vez naquele pântano escuro, movediço.

Shylo suspirou com força. Eileen, Dennis e Hazel já tinham se acercado e respiraram aliviados ao vê-lo são e salvo. Olharam então para o pântano. A superfície borbulhante os fez compreender o que se passara ali.

— Então o assassino foi tragado pelas areias movediças? — perguntou Eileen Carter.

— Sim — respondeu lentamente Harding. — Ele mesmo escolheu esse caminho. Achou que era o melhor para ele... Talvez tivesse razão, não sei...

--- Conseguiu ver quem era? — perguntou ansiosamente Dennis.

—...Sim. Eu o vi. Mas já sabia de quem se tratava antes de contemplar seu rosto.

— Quem era ele? Quem? — perguntou, nervosamente, Hazel.

Shylo voltou-se e contemplou com ar sério os que o rodeavam. Outras pessoas da mansão Trevor, munidas de lanternas se acercavam.

— Era Sidney Plummer, o velho mordomo — murmurou Shylo.

Capítulo 10

— Sidney — murmurou sir Christopher, sacudindo a cabeça com perplexidade, quando já estavam todos entrando de novo na casa. — Não posso acreditar. Se ele mal conseguia andar... Arrastava os pés, tinha artrite crônica. Era um velho quase inútil...

— Parecia um velho inútil, o que não é o mesmo — disse Harding. — Ele sempre assumiu o papel de criado fiel, discreto, que passava despercebido para todos. Mas a tal artrite não existia. Estou seguro de que nunca se deixou examinar por um médico, ainda que dissesse que ia consultá-lo, vez ou outra. Alguma vez esteve aqui o médico da localidade para examiná-lo na sua presença, sir Christopher?

— Não, nunca. Mas por quê? Por que Plummer faria tal coisa?

— Muito simples: porque temia que alguém se pusesse a investigar. Sabia que havia uma neta de Carter, como também de Weston. Receava que houvesse também algum descendente de Hakes. Não foi assim, mas... eu apareci. E precipitei os aconte-

tecimentos, porque ele acreditou ver em mim, como outras pessoas, certa semelhança física com Hakes, o primeiro inquilino de Baker Street, 221, o que me dava o ar de um fantasma ou um "ressuscitado". Seja como for, uma ameaça desço- nhecida para o assassino dos pântanos. E aí Sidney Plummer teve que agir.

— Somente porque estava louco — disse Dennis. — Oh, meu Deus, que enorme estupidez!

— Não, Dennis. Eu não disse isso, ele não devia estar louco. Sidney era um homem de idéias fixas, taxativas. Não tinha meios termos. E era, além disso, terrivelmente leal. Dedicado o bastante para arriscar tudo: vida, consciência, sentimentos, inclusive, por aqueles aos quais servia fielmente. Em sua extrema fidelidade estava a motivação de seus atos. Sidney Plummer tinha um motivo claro para matar agora, nesta época: proteger o assassino de outra época, a pessoa que ganhou o apelido de Degolador, em Londres e em Halmsey, há setenta anos atrás...

— Como? — exclamou sir Christopher. — Quer dizer que Sidney não foi o assassino em ambas as ocasiões? Houve... houve dois assassinos diferentes, Harding?

— Mas... quem poderia ser? — murmurou Peter Trevor, pálido.

Shylo não respondeu. Acercou-se da mesa e contemplou Lady Viveca ainda sentada ali, com expressão serena e suave, a cabeça recostada no espaldar alto de sua cadeira estofada, as mãos sobre os braços da mesa. Inclinou-se um pouco e tocou-lhe

o pescoço, bem sobre a carótida. Logo pegou-lhe o pulso. Todos o contemplavam em silêncio, intrigados.

— Ela está dormindo? — indagou sir Christopher, inquieto

- Sim. Dorme serenamente,, seu último sono, sir Christopher. —• Por fim encontrou a paz, na eternidade.

— Como? — e sir Christopher acercou-se angustiado da esposa. Shylo colocou-se a um lado. Então seu olhar pousou no copo de vinho diante de Lady Viveca. Um sedimento escuro cobria o fundo do copo de fino cristal.

— Seguramente, o mesmo veneno extraído de ervas que causou o colapso de Hakes — murmurou Shylo.

— Assassinada! — exclamou Dennis. — Mataram tia Viveca!...

— Não, Dennis — replicou suavemente Shylo. — Ninguém tentou nada contra ela. Foi a própria Lady Viveca quem quis ter esse fim. Sabia que este seria o desenlace fatal. E será melhor ser enterrada como" Lady Viveca Trevor, morta de um súbito colapso... do que como o Degolador, e reclusa numa fria cela, em sua idade e tão enferma. Por que saibam que foi ela a autora daqueles crimes. Era o Degolador de há setenta anos atrás. A pessoa a quem o fiel Plummer buscou proteger, criando a figura de um segundo assassino degolador, no decorrer dos últimos anos...

* * *

... E agora, quando minha vida chega ao fim inevitavelmente, desejo que todos saibam da verdade; a terrível verdade que ocultei em meu passado, quando era ainda uma mocinha que acabava de casar com você, Chris. Foi então, justamente então, que tudo começou. Aquele acidente — minha queda do cavalo, — minha lesão na cabeça... O médico disse que possivelmente me causara uma lesão cerebral, e estive me tratando disso. Muitas vezes ele me visitou por esse motivo. Fox, o cantineiro, sabia disso. Tive que matá-lo, simulando um acidente nos pântanos, para que ele não falasse a respeito aos demais, como eu já havia feito com Shelby Hakes, o detetive londrino. Sim, Chris. Eu, com a mente enferma, após aquele acidente, me converti numa mulher diferente. Sentia prazer ao matar, derramar sangue... Me apossei daquele trinchador, de nossa própria despensa, e quando sentia aquelas fortes dores de cabeça, saía às ruas de Londres, igual ao que fiz depois perto dos pântanos de Helmsey, para satisfazer à minha ânsia de sangue, de morte, de violência...

Após a morte do detetive londrino, a quem envenenei com um extrato vegetal altamente tóxico — lembre-se, Chris, de que meu pai era um excelente químico — piorei de saúde com muita rapidez. Quero dizer que sofri uma paralisia progressiva. Mas pude evocar os lapsos, as falhas de memória, naqueles momentos em que havia sido uma criminosa, cujas forças físicas de mulher esportista e robusta por natureza, se multiplicavam com a demência.

E agora... Agora sei o que está ocorrendo, Chris. Sei que há alguém extremamente fiel a mim, desde há setenta anos, e que é capaz de matar para ocultar, para apagar as antigas pistas e indícios que conduzem ao culpado, a mim, em suma... Sidney não fala. Não diz nada. Mas eu posso ler em seus olhos. Sei que foi a Londres. E lá morreu Yates, nosso advogado. Este sabia quanto às visitas do médico, estava a par de minha enfermidade mental de então, havia descoberto que eu era o monstro de outros tempos, e pretendia revelar isso a alguém... Sidney evitou tal revelação de um modo horrível. Mas cometeu o erro de usar uma adaga, não uma arma de açougueiro... Depois, ao cometer outro crime, corrigiu tal erro. Esta noite, receio que morra mais alguém. E não quero isso. Chris, quando ouvir esta gravação que faço agora; quando já souber que nunca fiquei realmente privada da voz, senão que simplesmente me calava, para falar somente a sós comigo mesma em meio ao horror sem fim de minha invalidez, que era como uma provação por tantos crimes... Chris. eu repito, quando ouvir isto, já estarei morta. Exatamente da forma como morreu Hakes, faz tantos anos. Não posso suportar mais...

Adeus a todos. Chris, quero que, pelo menos, saiba de uma coisa: eu o amo. Sempre o amei. Fui incapaz de lhe revelar a verdade sobre meus erros e crimes por medo de perdê-lo. Agora, já não me importa. Oxalá me compreenda. Só sinto que tenha deixado aquele pobre Terence Carter ir para a forca. Não pude evitar. Sofri então uma crise, lembra-se? E ao me

recuperar da mesma... ele já fora executado. Que Deus me perdoe por tudo, se for possível.

O veneno já está produzindo efeito. E vocês ainda não voltaram... Tomai a que tudo esteja resolvido, encerrado, Que Sidney e eu por fim possamos descansar em paz. Adeus, querido Chris. Me perdoe.. "por tudo aquilo e por isto. Sei que nos veremos em breve, outra vez. Em alguma parte.

O som do gravador emudeceu. A fita gravada terminara de correr. Os ouvintes das derradeiras palavras ditas em vida por Lady Viveca Trevor ficaram calados, cabisbaixos, impressionados vivamente pelo que tinham acabado de escutar.

Sir Christopher rompeu em soluços. Peter escondeu a cabeça entre as mãos, arriado numa poltrona. Dennis e Hazel apertaram-se as mãos, afastando-se ligeiramente dos outros, sem deixar de fitá-los em silêncio. ,

Shylo Harding suspirou fundo, movendo a cabeça. Então caminhou rumo à porta da sala com andar lento, sem fazer ruído. Era o ato final alusivo à vida e ao mundo dos Trevor. E ele já nada tinha a fazer ali, naquele ambiente. O mistério alimentado durante setenta longos anos cessara.

Eileen o alcançou no jardim. Depois de apertar-lhe a mão, e encostar-se no rapaz, ela murmurou:

— Meu Deus... Eu já sabia...

— Sabia o que, Eileen?

— Sabia que meu avô Terence era inocente. E estava certa de que você... ia ser o catalisador que

desencadearia a solução final, Era um pressentimento meu. Algo, naquele dia, no Museu da rua Baker, pareceu me revelar isso,

— Entendo - e Shylo contemplou as sombras que os rodeavam nas proximidades dos pântanos. Empreendeu o retorno ao povoado de Helmsey. Eileen caminhava a seu lado, — Parece que muitas pessoas viram em mim... a sombra de alguém. O fantasma de algo.

— É possível -- sorriu Eileen, fitando-o. — Sim, é muito possível... Hazel Weston também pensou o mesmo, ao enviar a você o manuscrito de seu avô, E Lady Viveca... creio que viu em sua presença uma repetição de fatos acontecidos há setenta anos. E teve medo. Medo de matar. E preferiu... morrer.

— Não me agrada que me considerem um fantasma — disse Shylo suspirando. — Mas devo admitir uma coisa, Eileen.

— O quê?

— Eu mesmo tenho notado às vezes essa influência estranha, misteriosa... É possível que exista um contato intangível entre os vivos e os mortos, não sei... — fez uma curta pausa. Então voltou a fitar Eileen. — Sabe de uma coisa? Volto a Londres. Esta noite ainda. Alugarei um táxi, se for preciso. Não desejo permanecer aqui nem um momento mais.

....Posso acompanhá-lo, Shylo?

— Claro. Ia pedir-lhe isso, Eileen. Afinal de contas, somos...amigos.

— Sim. Bons amigos, Shylo. Obrigada por tudo. Agora, meu avô repousará em paz em sua tumba, estou segura. E você tornou isso possível.

— Eu? Não sei... Falaremos sobre isso depois. Quando tudo que se passou seja assimilado com calma e devagar.

— Mas... aí então, você estará em seu país. escrevendo suas novelas de mistério...

— Bem, pode ser, mas... Sabe, Eileen? Creio que vou permanecer neste país mais algum tempo. A Inglaterra me agrada. E posso escrever minhas novelas aqui e remetê-las a meu editor...

— Isso seria maravilhoso...

— É mesmo? — E a fitou risonho. Apertou-lhe a mão com mais força e completou: — É possível que necessite de uma colaboradora para pesquisar temas tradicionalmente ingleses...

— Eu posso dar-lhe essa ajuda. Gostaria muito, Shylo.

— Então, já não seremos apenas amigos, mas colaboradores, Eileen.

→ Sim.

— Eileen, a Inglaterra me encanta e você também. Gosto de você,, garota.

— Shylo... — murmurou Eileen, emocionada.

FIM